



**CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA**

CYNTHIA MARIA MIRANDA SAMPAIO

FILOSOFIA PARA CRIANÇAS: a importância do pensamento reflexivo nas séries iniciais do ensino fundamental.

São Luís

2025

CYNTHIA MARIA MIRANDA SAMPAIO

FILOSOFIA PARA CRIANÇAS: a importância do pensamento reflexivo nas séries iniciais do ensino fundamental

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), como pré-requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Fabíola da Silva Caldas

São Luís

2025

Sampaio, Cynthia Maria Miranda

Filosofia para crianças: a importância do pensamento reflexivo nas séries iniciais do ensino fundamental. / Cynthia Maria Miranda Sampaio. – São Luis, MA, 2025.

53 f

TCC (Curso de Graduação em Filosofia Licenciatura) - Universidade Estadual do Maranhão, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Fabíola da Silva Caldas .

1.Filosofia. 2.Criança. 3.Formação. 4.Metodologia. 5.Educação.
I.Titulo.

CDU: 37.013.73-053.2

CYNTHIA MARIA MIRANDA SAMPAIO

FILOSOFIA PARA CRIANÇAS: a importância do pensamento reflexivo nas séries iniciais do ensino fundamental.

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovada em: 22/01/2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **FABIOLA DA SILVA CALDAS**
Data: 30/01/2025 20:23:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Fabíola da Silva Caldas (Orientadora)
Colégio Universitário/Universidade Federal do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 **LEILA AMUM ALLES BARBOSA**
Data: 31/01/2025 18:50:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Ma. Leila Amum Alles Barbosa
Universidade Estadual do Maranhão
1º Examinador

Documento assinado digitalmente
 **ELIZA FLORA MUNIZ ARAUJO**
Data: 31/01/2025 16:18:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Ma. Eliza Flora Muniz Araújo
Universidade Estadual do Maranhão
2º Examinador

Dedico esta conquista a Deus por me fortalecer e me dar esperança, a minha família por toda ajuda indireta, e amigos pelo incentivo.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho de conclusão de curso é fruto de uma caminhada repleta de desafios, aprendizado e colaborações que marcaram profundamente minha trajetória acadêmica. Agradeço, primeiramente, a Deus, pela força, saúde e sabedoria que me sustentaram ao longo desta jornada, Ele sempre foi a minha rocha firme, meu porto seguro, meu paizinho, sem Ele eu jamais teria chegado aonde cheguei. À minha vó Maria Miranda que esteve presente nos momentos mais importantes da minha vida, acredito que Deus a colocou em um bom lugar. À minha mãe Luzenilde Miranda que sempre trabalhou muito para ver uma filha formada, reconheço todo o seu esforço para sustentar três filhos sozinha, sei que não foi fácil. Aos meus irmãos João Pedro e Matheus que eu amo incondicionalmente. Aos meus tios e tias que nunca mediram esforços para me ajudar quando eu tanto precisei. Ao meu namorado Raul Macêdo, pelo apoio emocional e moral. Aos meus amigos de trabalho, Prof Eliza Flora, Ana Karla, Nayana e Thaline pelas orientações que foram de suma importância. A todos os meus familiares, pelo amor incondicional, pelo apoio constante e por acreditarem em mim em todos os momentos. Vocês são a base e a motivação para cada conquista. Aos meus amigos da igreja, que compartilharam comigo as alegrias, as dificuldades e os momentos de descontração, tornando essa jornada mais leve e significativa. À minha orientadora, Prof^a Fabíola Caldas, pela paciência, dedicação e pelo valioso suporte acadêmico e pessoal durante todas as etapas deste trabalho. Sua orientação foi essencial para a concretização deste projeto. Aos professores e colegas que contribuíram direta ou indiretamente com ideias, discussões e palavras de incentivo ao longo da graduação. Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, participaram desta caminhada, seja com um gesto, uma palavra ou um apoio silencioso. A cada um de vocês, minha eterna gratidão.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 PENSAMENTO E REFLEXÃO.....	12
2.1 A Filosofia como Modelo de Vida	12
2.2 A Especificidade da Filosofia na Educação	16
2.3 A importância da Filosofia na Infância	19
3 A FILOSOFIA NA ESCOLA.....	23
3.1 A Importância do Ensino Filosófico no Currículo Escolar: Desenvolvendo o Pensamento Crítico desde o Ensino Fundamental.....	24
3.2 A Filosofia para Crianças na Escola Cidadã	29
3.3 A Filosofia na Escola: Promovendo o Desenvolvimento da Racionalidade Infantil	31
4 A FILOSOFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: DESAFIOS, POSSIBILIDADES E A PRÁTICA DA FILOSOFIA PARA CRIANÇAS.....	32
4.1 Desafios e Possibilidades	33
4.2 Filosofia para Crianças (orientações para os professores sobre como abordar temas recorrentes em sala de aula, que merecem reflexão)	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS.....	52

RESUMO

A Filosofia para Crianças, criada por Matthew Lipman, contribui significativamente para a formação docente, promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico, reflexão e questionamento desde a infância. Ao estimular habilidades cognitivas como análise, síntese e resolução de problemas, os professores são capacitados a fomentar a autonomia intelectual dos alunos. A metodologia valoriza a escuta ativa e o diálogo, promovendo uma educação ética e cidadã ao abordar questões filosóficas que incentivam a reflexão sobre valores como solidariedade, justiça e respeito. A integração interdisciplinar dos conteúdos fortalece a conexão entre diferentes áreas do conhecimento, tornando o educador um mediador do pensamento reflexivo e contribuindo para uma educação mais profunda, significativa e transformadora. Entre as principais contribuições, destacam-se a promoção do diálogo e da escuta ativa nas relações educacionais. A metodologia ensina os professores a valorizar a escuta empática e a interação com os alunos, criando um ambiente de construção coletiva do conhecimento. A prática filosófica na sala de aula fortalece a capacidade dos educadores em incentivar os alunos a questionar e argumentar, desenvolvendo, assim, uma mentalidade investigativa. A formação ética e cidadã também é uma contribuição importante. Ao tratar de questões filosóficas, a filosofia para crianças auxilia na formação de valores como a solidariedade, o respeito e a justiça, promovendo uma postura ética tanto nos alunos quanto nos educadores. Além disso, a filosofia para crianças favorece o desenvolvimento da autonomia intelectual dos alunos, pois os professores aprendem a fomentar a independência de pensamento e o autoconhecimento.

Palavras-chave: Filosofia; Criança; Formação; Metodologia; Educação.

ABSTRACT

Philosophy for Children, created by Matthew Lipman, contributes significantly to teacher training, promoting the development of critical thinking, reflection and questioning from childhood. By stimulating cognitive skills such as analysis, synthesis and problem-solving, teachers are able to foster students' intellectual autonomy. The methodology values active listening and dialogue, promoting ethical and civic education by addressing philosophical issues that encourage reflection on values such as solidarity, justice and respect. The interdisciplinary integration of content strengthens the connection between different areas of knowledge, making the educator a mediator of reflective thinking and contributing to a deeper, more meaningful and transformative education. Among its main contributions, the promotion of dialogue and active listening in educational relationships stands out. The methodology teaches teachers to value empathetic listening and interaction with students, creating an environment for the collective construction of knowledge. Philosophical practice in the classroom strengthens educators' ability to encourage students to question and argue, thus developing an investigative mindset. Ethical and civic education is also an important contribution. By addressing philosophical issues, philosophy for children helps to develop values such as solidarity, respect and justice, promoting an ethical stance in both students and educators. In addition, philosophy for children favors the development of students' intellectual autonomy, as teachers learn to foster independent thinking and self-knowledge.

Keywords: Philosophy; Child; Training; Methodology; Education.

1 INTRODUÇÃO

Abordar o ensino da Filosofia para crianças e suas contribuições para a formação docente, implica inicialmente compreender os seus sentidos, significados e as expressivas contribuições para a formação integral da criança. É, portanto, compreender e refletir sobre a sua importância no contexto da sociedade com um olhar para o futuro. Ao introduzir a Filosofia no universo infantil, não se trata de apresentar sistemas filosóficos complexos, mas de estimular o questionamento, a curiosidade e a capacidade de argumentação de forma lúdica e acessível.

É importante pensar que as mudanças da educação filosófica, passam, necessariamente, pelas relações entre cultura, saber, poder e transformação, ou seja, passa pela independência do indivíduo, tendo em vista o aprender pensar, refletir e aplicá-la na prática. Além disso, oferece ferramentas para que os pequenos desenvolvam um senso de identidade e pertença no contexto de uma sociedade em constante transformação.

Nesse contexto, o objetivo do presente estudo se propõe a evidenciar os fundamentos teóricos da Filosofia na perspectiva da formação de cidadãos críticos e como essa formação poderá abranger as crianças do Ensino Fundamental, enquanto embasamento para uma formação humana crítica e democrática. Isso implica não apenas transmitir conhecimento, mas também mediar discussões, incentivar a escuta ativa e valorizar as perspectivas dos alunos. Esse processo reflete na própria formação docente, ao estimular nos professores uma postura mais aberta, reflexiva e ética, essencial para lidar com os desafios da contemporaneidade.

Filosofia para crianças é um programa apresentado por Matthew Lipman (1923-2010) que tem uma proposta pedagógica com o objetivo de desenvolver uma forma de pensar ideal. Lipman não se conformava com a persistência da dita educação tradicional dentro das escolas, onde o ensino é centrado na autoridade do professor e na transmissão e absorção de conhecimentos.

A presente proposta de trabalho busca contribuir para o ensino de filosofia para crianças, pois acredita-se que, quando aplicada ainda na infância, poderá desenvolver o seu pensamento crítico e investigativo através das perguntas que surgem em seu cotidiano (escolar, familiar, enfim, social). O programa de Filosofia para Crianças, criado por Matthew Lipman, propõe oferecer às crianças um caminho para o pensar.

A filosofia, com seu enfoque no pensamento e na reflexão, é uma disciplina que vai além do simples exercício intelectual, convidando-nos a questionar e entender o sentido da nossa existência. Desde a Antiguidade, filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles

ressaltavam a importância de viver de forma refletida, orientando nossas ações por uma compreensão mais profunda de nós mesmos e do mundo ao nosso redor. A reflexão filosófica, portanto, não se limita ao acúmulo de conhecimentos, mas se configura como uma maneira de cultivar uma atitude crítica e consciente diante da vida, das escolhas e do nosso papel no universo.

Nesse contexto, a introdução da filosofia nas escolas assume um papel fundamental no desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo dos alunos. Desde a infância, a filosofia oferece aos estudantes ferramentas essenciais para questionar o mundo, analisar argumentos e explorar questões éticas, sociais e pessoais. Mais do que uma simples disciplina, a filosofia na educação fomenta o diálogo, a empatia e a capacidade de resolver problemas de maneira criativa e ponderada. Ao incentivar o debate e a investigação, ela prepara os jovens para se tornarem cidadãos mais conscientes e participativos na sociedade.

Além disso, a proposta de filosofia voltada para a reflexão busca transformar a prática docente, proporcionando aos professores a oportunidade de desenvolver habilidades reflexivas que os ajudem a questionar e aprimorar suas abordagens educacionais. Esse tipo de formação permite que os educadores adotem práticas mais eficazes, adaptando-se às necessidades dos alunos e incentivando-os a pensar de forma crítica, consciente e autoconfiante. Assim, a filosofia, tanto no currículo escolar quanto na formação de professores, se estabelece como um ponto crucial para a construção de um pensamento mais profundo e transformador.

Iniciar a filosofia na infância significa dar ao aluno a oportunidade de descobrir sua capacidade de pensar criticamente e desenvolver não só o seu raciocínio, mas também a habilidade de exercer o seu papel como cidadão. Esse processo não apenas fortalece o raciocínio lógico e a criatividade, mas também ajuda a criança a construir uma compreensão mais profunda sobre si mesma, os outros e o mundo que a cerca.

2 PENSAMENTO E REFLEXÃO

O pensamento e a reflexão são pilares essenciais da filosofia, um modo de vida que transcende o simples exercício intelectual. A filosofia convida-nos a questionar, a duvidar e a procurar entender o sentido da existência, o que nos motiva a viver com mais consciência. Desde a antiguidade, filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles sublinhavam a importância de um viver refletido, onde as ações são orientadas por uma profunda compreensão do mundo e de nós mesmos. Viver filosoficamente não é apenas acumular conhecimentos, mas cultivar uma atitude crítica e consciente em relação à vida, às escolhas que fazemos e ao nosso papel no universo.

2.1 A Filosofia como Modelo de Vida

A filosofia ocidental nasce da necessidade que os gregos tinham de entender o mundo e seus acontecimentos, eles buscavam respostas racionais para esses acontecimentos constantemente.

Os filósofos pré-socráticos, que viveram entre os séculos VII e V a.C., marcaram o início da filosofia ocidental, sendo pioneiros na busca de explicações racionais para a realidade. Diferente da visão mitológica predominante, eles procuraram compreender a natureza e a origem do cosmos baseando-se em princípios naturais e não em intervenções divinas. Este grupo de pensadores, entre os quais se destacam Tales de Mileto, Anaximandro, Heráclito e Parmênides, concentrou-se na *physis*, ou seja, na essência das coisas, buscando uma *arché* – o princípio fundamental de todas as coisas.

Segundo descreve Clayson Marimoto,

Tales de Mileto (625-558 a.C.) foi o primeiro estudioso sistemático da natureza, atribuindo à água a uma importância fundamental para a vida. Observando os seres vivos, esse filósofo procurou compreender-lhes a essência, para daí explicar os fatos observáveis a partir das regras gerais. (Marimoto, 2009, p.4).

Tales, por exemplo, acreditava que a água era o elemento primordial de onde tudo se originava. Já Anaximandro propôs o *ápeiron*, uma substância indefinida e infinita como a base de tudo. Heráclito, por sua vez, defendia que o universo estava em constante transformação, fundamentado no fogo e na ideia de que "tudo flui". Parmênides, contrastando com essa visão, argumentava que a realidade é imutável e que o movimento e a mudança são ilusões dos sentidos.

Esses filósofos articularam as suas ideias através da observação da natureza e da reflexão, abrindo caminho para um novo método de entender o mundo – o pensamento racional.

Ao proporem explicações baseadas em fenômenos naturais, romperam com as explicações mitológicas e colocaram os alicerces para a investigação científica e filosófica que se seguiria. Pierre Hadot (1999) defende que a filosofia nunca teve como base pensamentos teóricos ou abstratos, mas sim um exercício aplicável a vida, a Filosofia como modo de vida, está ligada ao pensamento, reflexão e ação.

Sócrates nasce no século V a.C., em Atenas, num momento de grande efervescência cultural e política. Após as vitórias nas Guerras Médicas, Atenas tornou-se o centro cultural e intelectual da Grécia Antiga, onde se desenvolviam diversas correntes de pensamento, incluindo os sofistas, que ensinavam a arte da retórica e da persuasão por todo o lado. Nesse contexto de debate público e ceticismo, Sócrates destacou-se ao propor uma nova forma de filosofia, centrada não no cosmos ou nos fenômenos naturais, mas no ser humano e na busca de uma vida virtuosa.

Ao contrário dos pré-socráticos, que procuravam explicações para a origem do mundo, Sócrates focava-se em questões éticas e morais, acreditando que a verdadeira sabedoria residia no reconhecimento da própria ignorância. Ele não deixou escritos, e o que sabemos de sua filosofia provém principalmente de Platão, seu discípulo. Sócrates fazia da sua vida uma constante investigação, adotando o método dialógico – a famosa maiêutica –, onde, por meio de perguntas, ajudava os outros a examinar suas crenças e a refletir sobre temas como justiça, virtude, e o bem viver, segundo relata Sócrates “Porque eu, cidadãos atenienses, se conquistei esse nome, foi por alguma sabedoria. Que sabedoria é essa? Aquela que é, talvez propriamente, a sabedoria humana”. (Platão, 2023, p.7).

Para Sócrates, a filosofia não era apenas um campo de estudo, mas um modo de vida. Ele acreditava que viver uma vida sem exame e reflexão era viver de forma superficial. A sua busca incessante pela verdade e pelo autoconhecimento levou-o a ser julgado e condenado à morte, acusado de corromper a juventude ateniense e de questionar os deuses da cidade. Contudo, a sua morte tornou-se símbolo da integridade filosófica, deixando um legado que influenciaria profundamente o pensamento ocidental.

O pensamento reflexivo parte de um sistema filosófico questionador que nos ensina a entender a realidade a partir de uma observação. É importante compreender que a filosofia não é só um estudo de pensamentos, à filosofia também nos faz entender a nossa posição no mundo. Muito se têm ensinado a respeito da história da filosofia, mas temos esquecido que o pensar se completa na filosofia como modo de vida, pois se pensarmos na importância da filosofia para a educação como um instrumento reflexivo chegaremos à conclusão de que a filosofia é capaz

de transformar a conduta humana e não só desenvolver seu senso crítico, mas também desenvolver suas ações.

A filosofia como modo de vida nos convida a repensar a filosofia como pensamento abstrato e puramente teórico e nos leva a perceber que a aplicação da filosofia tem um peso muito mais significativo para a educação. A reflexão e o exercício do pensamento não se pode estar apenas buscando desenvolver habilidades para debater teorias, mas sim em saber pensar refletir a respeito delas e aplicá-las, estabelecendo, assim, um sentido moral para a transformação do indivíduo em direção a uma vida boa.

O papel do filósofo na Antiguidade era exatamente de ser um guia ou médico da alma, e o mais importante, um educador que podia oferecer um modelo de vida completa e feliz, desempenhando um papel que está muito distante do que vemos nos dias de hoje. Ensinar a história da filosofia não deixa de ser importante e não queremos aqui menosprezar o método de transmissão de conhecimento, que também tem seu papel importante na educação, mas enfatizar e reconhecer, que muito tem se perdido e esquecido a respeito da aplicação dessa disciplina. Sócrates assumiu um papel fundamental para o que chamamos de filosofia como modo de vida, pois ele tratou de incorporar a verdade que estava a ser transmitida, convertendo-se completamente a novos hábitos, novas condutas e novos valores.

Os antigos também faziam uma diferenciação do que viria a ser filosofia e um mero discurso filosófico. Os sofistas, por exemplo, se dedicavam em fazer uma filosofia para a utilização técnica da arte da retórica, para fins lucrativos, estando completamente distantes de uma aplicação prática. De acordo com Hadot,

eles são profissionais do ensino, antes de tudo pedagogos, ainda que seja necessário reconhecer a notável originalidade de Protágoras, de Górgias ou de um Antifonte, por exemplo. Por um salário, eles ensinavam a seus alunos receitas que lhes permitissem persuadir os ouvintes, defender, com a mesma habilidade, o pró e o contra (antologia). (Hadot, 1999, p. 33).

Por isso, a busca por responder qual o papel da filosofia nos dias de hoje se torna muita mais frequente do que se imagina, e esclarecer qual a sua importância para a formação docente se torna um desafio ainda maior. Não podemos deixar de reconhecer que os sofistas tiveram um papel fundamental na educação, no entanto, como docentes, não podemos cair na ideia de que conteúdos devem ser tão somente transmitidos sem pontuar qual a sua importância e qual o seu sentido para a vida, fazendo com que tudo o que foi aprendido ou pelo menos parte disso se torne uma atividade cotidiana frequente. Hadot descreve:

[...] pelo menos a partir de Sócrates, a opção por um modo de vida não se situa no fim do processo da actividade filosófica, como uma espécie de apêndice

acessório, mas, pelo contrário, na origem, numa complexa interação entre a reação crítica e outras atitudes existenciais, uma visão global de uma certa maneira de viver e de ver o mundo, e a decisão voluntária ela mesma; e essa opção determina assim, até certo ponto a própria doutrina e o modo de ensinamento de doutrina. O discurso filosófico origina-se, portanto numa escolha de vida e uma opção existencial, e não o contrário. (Hadot, 1999, pp.17-18).

O saber filosofar deve ser compreendido sabendo relacionar o discurso e a prática, o exercício espiritual presente nesta filosofia que ele chama de modo de vida, recupera a concepção filosófica antiga, presente em Sócrates, afinal a compreensão de modo de vida não poderia ser compreendida fora deste contexto. Para Hadot:

Assim Sócrates está, ao mesmo tempo, fora do mundo e no mundo, transcendendo os homens e as coisas por exigência moral e pelo empenho que ela implica, misturando aos homens e as coisas, porque somente no cotidiano dele pode compreender a verdadeira filosofia (Hadot, 1999, p.68).

A filosofia como modo de vida de Hadot também nos faz refletir se estamos buscando nos formar em filosofia ou em professores de filosofia. Podemos perceber ainda na formação do professor de filosofia a importância que é dada em estudar teorias. A grade curricular está organizada em dar prioridade ao estudo da história da filosofia desde o seu princípio até os dias atuais, não havendo uma diferença significativa do curso de bacharelado. Se o que entendemos por filosofar está contido em relacionar teoria com prática, quais possíveis metodologias essa configuração curricular nos permite criar para tornar a sala de aula um campo de investigação e reflexão? É necessário olharmos para essa situação no intuito de buscarmos soluções plausíveis e possíveis.

Podemos entender então que a filosofia é uma área do conhecimento capaz de formar e transformar o indivíduo, e seria de grande eficiência a mesma estar incluída ainda no ensino fundamental. De acordo com Lipman (1995) aplicar filosofia e fazer filosofia não são a mesma coisa. O paradigma do fazer filosofia é a figura alternativa de Sócrates.

Segundo defende Lipman:

Para ele não se tratava de uma aquisição de nem de uma profissão, mas de um modo de vida. O que Sócrates nos exemplifica não é uma filosofia conhecida nem aplicada, mas praticada. Ele nos desafia a reconhecer que como obra, como forma de vida, a filosofia é algo a que qualquer um de nós pode dedicar-se. (Lipman, 1995, p.28).

Nesse sentido, a filosofia como modo de vida foi a primeira forma de se fazer a filosofia propriamente aplicada, o sentido que buscamos para a nossa posição no mundo está constantemente em movimento, afinal, novos problemas surgem a cada momento, mas como

percebê-los? Se faz filosofia com os olhos bem atentos ao passado para relacionar que está no presente.

A filosofia é uma disciplina que nos permite pensar, refletir e investigar, e quando aplicada em sala podemos fazer com que os alunos tenham vontade de solucionar problemas, pois acredito que a partir do método reflexivo podemos fazer um levantamento dos problemas que são vividos em seus âmbitos sociais como na sua casa e principalmente em sua escola, desenvolvendo assim uma consciência crítica e dando início a uma familiarização com uma linguagem mais rigorosa, no entanto, por quais meios podemos trabalhar a filosofia para crianças, visto que, a mesma não está incluída nos anos iniciais do ensino fundamental? Acredito que a contribuição da filosofia para a educação é exatamente a de formar um cidadão crítico, desenvolvendo habilidades como capacidade de pensamento ético e político para a confrontação de ideias e questionamentos.

2.2 A Especificidade da Filosofia na Educação

Podemos perceber que desde o princípio, sempre houve uma preocupação em saber como educar o homem, tentando trazer à tona o que esse ser humano tem de melhor. A filosofia sempre esteve relacionada à educação, pois, ainda na Grécia Antiga, já se falava de filosofia com o objetivo de educar, ou seja, tornar o indivíduo melhor diante da sociedade.

Segundo afirma Ildeu Moreira Coêlho:

Ao instituir as cidades, as *pólis*, a Grécia Antiga entendeu e procurou realizar, num contexto histórico específico, a educação como *paideia*, cultura, civilização, formação humana, formação do caráter, busca da areté, da excelência do indivíduo e da pólis, compreendendo tudo isso como formação do homem capaz de agir com racionalidade, moderação, prudência e justiça, como expressão da cultura, da elevação da alma, da vida espiritual de um povo (COÊLHO & GUIMARÃES, 2012, p.329).

Segundo Lipman (1990) há muito se desconfiava que a filosofia, apesar de sua carapaça exterior, carregava dentro de si tesouros pedagógicos de grande generosidade e que esses tesouros poderiam, algum dia, seguir o “método socrático” e dar sua valiosa contribuição para a educação.

Ensinar a pensar está para além de transmitir pensamentos teóricos, a ação pedagógica é a parte da educação que verifica se as teorias estão presentes na forma prática, ou seja, ocorre com o objetivo de preparar os cidadãos a relacionar as teorias com os problemas que rodeiam a sociedade. Mesmo que estejamos separados por um contexto histórico, muito do que foi pensado e discutido contribui para os nossos dias atuais.

A educação tem o potencial de ser uma prática filosófica. Para isso, o professor deve dedicar-se a uma preparação cuidadosa, transformando-se num pensador que, através do seu conhecimento e reflexão, possa influenciar de forma significativa o crescimento humano e intelectual dos seus alunos.

Ao reconhecer o valor e a importância da filosofia para a educação, abordaremos as questões que levantam a relevância da sua aplicação no contexto da sala de aula. como por exemplo: O que ensinar? Como ensinar? Por que ensinar? Para que ensinar? Ensinar filosofia não se restringe a desenvolver habilidades cobradas no currículo educacional. Sobre a contribuição da filosofia para a educação Lipman diz:

Se agora a filosofia está encontrando um lugar respeitável no ensino de 1º e 2º graus é porque educadores sisudos descobriram que as crianças estão encantadas com ela e que a filosofia contribui significativamente para o seu desenvolvimento educacional, mesmo na área de “habilidades básicas” como leitura e Matemática. (Lipman, 1990, p.19).

O ensino para prática educacional consiste em desenvolver a reflexão do pensamento para a prática social, que consiste efetivamente na formação do cidadão.

Segundo afirma Alejandro Cerletti (2009):

Ensinar a filosofar, exige de nós professores um compromisso que não está estritamente ligado a aprender técnicas argumentativas, mas sim de transformar a conduta humana diante da realidade tendo como base a filosofia. Desde o seu início, a atividade de ensino ou transmissão da filosofia esteve estreitamente ligada ao seu desenvolvimento. Ensinar ou transmitir uma filosofia foi o objetivo originário de diversas escolas filosóficas e também uma ocupação de muitos filósofos. (Cerletti, 2009, p.11).

Desse modo, a necessidade da filosofia na educação não está pautada em uma preparação para uma prova ou em saber a história de como um determinado autor nasceu e viveu. Existe uma necessidade mais profunda, que não se trata apenas de uma apresentação superficial ou de uma "decoração" de conteúdo, mas algo que vai além da superfície. Talvez essa necessidade envolva autenticidade, significado ou compreensão genuína de algo essencial.

Embora muitos problemas filosóficos ainda não tenham sido solucionados, a compreensão que temos deles hoje é uma grande contribuição para o pensamento humano, a filosofia da educação se apoia nas estruturas pedagógicas e se ocupa da reflexão a respeito dos problemas educativos, portanto, é então da reflexão sobre nós, dos outros e da realidade que emergem os problemas educacionais, por isso, precisam de um direcionamento filosófico, pretende-se então problematizar o contexto educacional reforçando a importância da reflexão no agir pedagógico.

O objetivo de elevar o pensamento ainda na infância e dentro da escola é de proporcionar experiências significativas através de aulas que consigam chamar a atenção da criança e que através de uma metodologia ela possa desenvolver habilidades necessárias para discutir conceitos refletir sobre problemas cotidianos sabendo interpretá-los. Lipman (1995, p. 11) defende que “Sempre existiu, no entanto, uma linha educacional de pensamento que sustenta que o fortalecimento do pensar na criança deveria ser a principal atividade na escola e não somente uma consequência casual- isto se ela viesse a acontecer”.

Educar filosoficamente, incentivando a criança a discutir os problemas que enfrenta no dia a dia, é uma forma de cultivar seu interesse e curiosidade. Essa abordagem estimula a leitura e o diálogo, permitindo que elas reconheçam o que realmente capta sua atenção. Assim, elas aprendem a se expressar e a discutir temas relevantes, evitando se tornarem adultos que falam sobre assuntos sem importância ou que nem sequer se engajam em discussões significativas. Essa prática promove um desenvolvimento crítico e reflexivo, essencial para a formação de cidadãos conscientes e participativos. Para Lipman “O propósito é extrair diálogo através do qual os conceitos puxados pelo texto são operacionalizados e compreendidos”. (Lipman, 1990, p. 22).

Mesmo que tenha sido um grande desafio para os antigos como Sócrates e Aristóteles, viver filosoficamente, cabe a nós reconhecermos o quão desesperador deve ter sido viver naqueles tempos acreditando em uma filosofia aplicada e ao mesmo tempo sendo preso e perseguido por isso. Qual a relevância tudo isso teria? Alguma recompensa? A única certeza que se tinha era exatamente a de não ter certeza de absolutamente nada, nem uma garantia de vida no amanhã. Por isso, Lipman (1990, p.29), diz que não podemos esquecer que até “Aristóteles teve de sair apressadamente de Atenas, a fim de não proporcionar aos atenienses a oportunidade de fazer a ele o que haviam feito a Sócrates e assim “pecar duas vezes contra a filosofia”.

A educação proposta por Sócrates, em nenhum momento fazia distinção de idades ou de tempo de se educar, todos precisavam de educação, todos era dignos de ser educados para a sociedade e para viver na sociedade. A educação para o saber viver é para o saber pensar, se pensamos então vivemos e se vivemos bem, sabemos pensar bem.

Reconhecer a importância da filosofia na educação é entender que a educação primária não está mais centralizada, fornece um conjunto de conhecimentos e habilidades não deve ser único e maior objetivo, o que deve ser levado em consideração é o conjunto de contribuições

formado especificamente por cada disciplina, todas têm o objetivo de desenvolver o pensamento.

Se hoje ainda existem professores com a mentalidade tradicionalista é porque eles foram frutos de um sistema completamente tradicional e limitado. Contribuir para a formação de professores é contribuir para a evolução de uma educação. Muito se tem evoluído em diversas áreas profissionais, mas o que acontece para que a educação ainda se assemelhe tanto a educação tradicional? Lipman descreve “Se lamentamos nossos líderes e nossos leitores por serem egoístas e não esclarecidos, devemos lembrar que eles são produtos de nosso sistema educacional”. (Lipman, 1990, p. 33).

A inclusão da filosofia no ensino fundamental se deu através da transversalidade e interdisciplinaridade que diz respeito a possível prática educativa de ensinar a teoria de maneira prática, fazendo com que os alunos saibam aplicar e relacionar o conteúdo em situações problemáticas do seu dia-dia, portanto, a filosofia nos anos iniciais começou a ser trabalhada de forma transversal e interdisciplinar, ou seja, juntamente com outras disciplinas, no entanto, com a ausência do professor de filosofia os resultados não pareceram bons, Walter Kohan (2004) descreve: No caso dos estados que não adotam a disciplina como parte do currículo, a indicação de trabalho com temas filosóficos por meio de temas transversais não parece ter gerado, até o presente momento, qualquer resultado significativo. (Kohan, 2004, p.268).

Dito isto, ressalto aqui a importância de uma preparação para esses professores de outra área que são colocados para trabalhar com terminados temas voltados para a filosofia como ética, moral entre outros sendo professores de outras disciplinas, pois acredito que a problemática também se encontra na falta de preparação desses professores.

Como educadores, temos a responsabilidade de oferecer uma educação de qualidade, desenvolvendo metodologias que tornem o ambiente escolar agradável e atrativo. Ao fazermos isso, estamos preparando a próxima geração para ser mais crítica e racional, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e reflexivos. Essa abordagem ajuda a minimizar o déficit de irracionalidade na nossa sociedade futura, promovendo um aprendizado significativo e engajado.

2.3 A importância da Filosofia na Infância

Desde muito cedo, ao se deparar com o mundo, a criança se torna um investigador nato, esse espírito investigador capaz de elucidar seu pensamento e sua linguagem começa ainda no

ambiente familiar fazendo com que ela se identifique com algumas práticas vivenciadas pela família. Ao ingressar na escola a criança espera vivenciar experiências significativas com outras crianças. Quando se deparam com a rotina escolar elas acabam percebendo que o ambiente escolar não é de brincadeiras e lazer ou pelo menos não na maior parte do tempo. Lipman (1995, p.24) ressalta que “a solução está na descoberta de procedimentos que estimulem tanto a organização quanto a criatividade, como fazer com que as crianças inventem histórias e narrem estas aos seus colegas de classe”.

O despertar da criatividade da criança, ocasionara em um desenvolvimento organizado do seu pensamento. O grande desafio identificado por Lipman era a dificuldades que seus alunos tinham de se posicionar e organizar suas ideias para fazer críticas coerentes. O pensamento de ordem superior é um pensamento rico e coerente, organizado e investigativo, podendo ser desenvolvido ainda na infância. Para Lipman:

[...] fazer com que os alunos filosofem é um exemplo de como o pensamento de ordem superior pode ser estimulado em uma sala de aula, fazendo uso da comunidade de investigação. Mas, apesar da filosofia poder ser um caso de paradigma, não é necessário empregar a filosofia para promover o pensamento de ordem superior. (Lipman, 1995, p. 38).

Portanto, é necessário fazer mais para que o pensamento seja desenvolvido não somente na disciplina de filosofia, e sim em todas as disciplinas. As habilidades mais importantes na área da educação quando desenvolvidas ainda na infância, levará a pensarmos sobre a realidade que nos cerca para, então, podermos atuar sobre ela.

É necessário que os métodos de aprendizagem sejam mais dinâmicos e que facilitem o desenvolvimento moral, intelectual e cognitivo, bem como a aquisição de competências e hábitos que lhes permitam participar ativamente da criação cultural e, portanto, da construção de valores.

Para desenvolver o uso da razão será necessário transformar a sala em um campo investigativo. A partir do desenvolvimento das habilidades lógicas, será possível desenvolver o “pensar bem” ainda na infância, desenvolvendo o racionalismo, a investigação, a habilidade de formação de conceitos e a habilidade de tradução.

Mesmo que a comunidade de investigação capaz de promover debate e reflexão possa ser adotada por qualquer disciplina, a filosofia será a única com capacidade de aplicar corretamente de maneira socialmente aceitável pois a filosofia é a única disciplina comprometida com este tipo de investigação.

Segundo afirma Lipman:

[...] As áreas de habilidades mais relevantes para os objetivos educacionais são aquelas relacionadas com os processos de investigação, processo de raciocínio, organização de informação e tradução. É provável que as crianças muito pequenas possuam todas estas habilidades de maneira ainda rudimentar. (Lipman, 1995, pg. 65).

O referido autor desenvolve uma metodologia específica para que haja uma troca de professor e alunos onde o professor procura incentivar cada vez mais a investigação em sala de aula mais do que isso, ele acredita que a filosofia é capaz ensinar além da prática pedagógica. O pensar enquanto uma comunicação internalizada diz respeito a continuidade da investigação que antes era vivenciada em família e agora vivida em sala de aula. Lipman (1995, p.81), a respeito da importância de tornar o ambiente familiar em um campo investigativo, afirma que “se a sala de aula pretende ser a continuidade do ambiente familiar, ela deve ser consideravelmente capaz de repetir a comunidade comunicativa que a casa representa para a criança”.

A filosofia ensina a desenvolver o nosso pensamento crítico diante dos problemas que cercam a nossa sociedade. Em contrapartida Lipman busca elaborar o que vamos chamar de preventivo da irracionalidade, o seu maior objetivo é fazer com que o professor aprenda a tornar a sala de aula um campo investigativo, onde a criança possa aprender a pensar, investigar e formar conceitos. Educar para o pensar vai tornar a criança uma verdadeira protagonista do seu desenvolvimento educativo e conseqüentemente prevenir que a mesma se torne um indivíduo irracional.

Presumo que em uma sociedade democrática existe um prêmio máximo para o cultivo da capacidade de raciocínio. Para Lipman (1995, p.100), “a meta da educação deveria ser, portanto, o desenvolvimento de indivíduos capazes de raciocinar”.

Transformar a sala de aula em um campo investigativo é induzir discussões e questionamentos, fazendo com que o aluno reflita diante dos problemas apontados, isso faz com que elas exercitem a sua própria cidadania ajudando-as a entender seus próprios pensamentos e sentimentos tomando o seu lugar no mundo.

Podemos perceber que dos inúmeros problemas que assolam a nossa sociedade, a irracionalidade é sem sombra de dúvidas preocupante, imagine se deparar com uma sociedade que não sabe se posicionar, não sabe como agir e ainda pior, age de forma irresponsável, ferindo os seus próprios direitos, perdida em suas falsas concepções.

A filosofia quando aplicada ainda na infância tem o poder de prevenir a formação de um indivíduo irracional, fazendo com que ele saiba como se comportar, agir e pensar, além de

desenvolver a habilidade de raciocínio, também será possível desenvolver a formação de conceito, investigação e tradução.

Segundo ressalta Lipman:

Se o currículo de filosofia para Crianças fosse autorizado a servir como um paradigma educacional, seguramente o modo pelo qual poderia ser mais útil é precisamente o de demonstrar que a aquisição de habilidades e o desenvolvimento de conceitos (nesse caso, as habilidades são habilidades de raciocínio e de investigação e os conceitos são às ideias predominantes na história da filosofia) podem acompanhar e reforçar um ao outro. (Lipman, 1990, p. 42).

Nesse sentido, os estágios de desenvolvimento cognitivo começam ainda na infância, constituídos em degraus. É necessário entender o processo de formação para manter o equilíbrio e não pular as etapas, pois cada estágio resulta necessariamente do anterior. Se o objetivo de tornar a sala de aula um campo investigativo for alcançado, conseqüentemente conseguiremos desenvolver as habilidades cognitivas.

O ensino de filosofia vai melhorar o seu raciocínio lógico aprendendo a expressar e justificar suas ideias, opiniões e pensamentos de forma mais organizada criativa, além de também detectar linhas de raciocínio defeituosas. A filosofia também trabalha com a reflexão pois ela é a capacidade inerente que o ser humano tem de moldar de forma positiva e negativa a nossa visão do mundo e conseqüentemente a nossa conduta.

Lipman defende a ideia de que é preciso substituir o modelo tradicional de educação, que ele denomina “paradigma-padrão da prática educativa normal”, baseado na “transmissão de conhecimentos”, na autoridade do professor e na noção de aprendizagem como “absorção de informações”, pelo paradigma da educação para o pensar” (ou “paradigma reflexivo da prática educativa crítica), segundo o qual a educação é resultado de um processo “de investigação”, do qual o professor, despido de sua infalibilidade, participa apenas como orientador e facilitador, pois a ênfase não está na “aquisição de informações”, mas na percepção das relações contidas nos temas investigados. O que se pretende, nesse modelo, é que os alunos “pensem”, “reflitam” e desenvolvam cada vez mais o uso da razão”, bem como sua capacidade de serem criteriosos (Lipman, 1995, pp.28-29).

Ao iniciar a filosofia nos primeiros anos do ensino fundamental acreditamos sobre a possibilidade de ensinar a filosofar através da reflexão e investigação. Podemos perceber que a inquietude perante a dúvida começa ainda na infância, acreditando que muitos de nós adultos já nos deparamos com uma pergunta feita por alguma criança. A filosofia apresentada para elas não tem o objetivo de trazer todas as respostas, afinal, a filosofia não tem essa responsabilidade. Pretende, no entanto, apresentar um caminho para que elas tenham a liberdade de expor o seu

ponto de vista a respeito de cada problema que as cercam e possam elaborar boas perguntas ensinando-lhes a pensar por si próprio.

Segundo defende Kohan:

Compete a ele estabelecer as condições necessárias para que a classe se envolva numa investigação discursiva, mais e mais produtiva, mais e mais autocorretiva e estar sempre atento, sobretudo, para uma conduta ilógica entre os alunos. (Kohan, 2004 p.154).

Portanto, o ensino de filosofia para crianças, apresenta um grande desafio, mas acredito que a filosofia na infância abre portas significativas. O ensino de filosofia ou ensino filosófico está para além do objetivo de desenvolver habilidades cognitivas e pensamento crítico, é necessário criar uma metodologia capaz de desenvolver habilidades necessárias para um pensamento racional.

Acredita-se que quando um estudante aprende através da investigação torna-se um investigador, segundo Lipman, quando alcançamos esse objetivo é possível aprender a pensar “autocorretivamente sobre o nosso próprio pensar”. Sob o ponto de vista educacional, esse detalhe significa que colocar um melhor pensamento, mais lógico, mais coerente, mais produtivo, mais bem sucedido do que os tipos de pensamento que predominam nesse nível ou tentam prevalecer, se outras abordagens educacionais são empregadas.

A filosofia tem entre suas capacidades a de permitir pensar outras disciplinas, abrindo assim, um mundo de possibilidades para a aplicação da mesma, nas séries iniciais do ensino fundamental. Como filósofos ou estudante de filosofia, precisamos ter um pensamento flexível a respeito dessa possibilidade. A filosofia para crianças é necessária e possível, mas cabe a nós, a dedicação por pesquisas de metodologias aplicáveis para tornar esse público racionalmente pensante.

3 A FILOSOFIA NA ESCOLA

A introdução da filosofia na escola desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo dos alunos. Desde cedo, o ensino da filosofia proporciona às crianças e jovens ferramentas para questionar o mundo à sua volta, analisar argumentos e desenvolver uma visão mais profunda sobre temas éticos, sociais e pessoais. Mais do que uma simples disciplina, a filosofia promove o diálogo, a empatia e a capacidade de resolver problemas de forma criativa e ponderada. Ao encorajar o debate e a investigação, a filosofia na escola prepara os estudantes para se tornarem cidadãos mais conscientes, responsáveis e participativos na sociedade.

3.1 A Importância do Ensino Filosófico no Currículo Escolar: Desenvolvendo o Pensamento Crítico desde o Ensino Fundamental.

A presença do ensino filosófico nas escolas é uma discussão importante e em constante evolução. Tradicionalmente, a filosofia tem sido ensinada em etapas mais avançadas de educação, como no ensino médio e na universidade. No entanto, muitos defensores argumentam que a filosofia deveria ser introduzida mais cedo no currículo escolar, até mesmo no ensino fundamental. Entendemos que o objetivo da escola é desenvolver e capacitar o indivíduo a pensar de maneira crítica, a agir de forma responsável, interagindo de maneira construtiva na sociedade.

Introduzir o ensino filosófico nas escolas para crianças é realmente uma área repleta de questões interessantes e desafiadoras. A filosofia, ao enfatizar a reflexão crítica, o questionamento e a busca por compreensões mais profundas, torna-se uma ferramenta poderosa para estimular o pensamento independente e a criatividade desde a infância. Ao introduzir essas práticas desde cedo, podemos cultivar mentes curiosas e inovadoras, capazes de analisar situações de forma crítica e encontrar soluções criativas para os desafios que enfrentam. No entanto, há várias considerações que os educadores devem ter em mente ao desenvolver programas de filosofia para crianças.

Para Lipman nas palavras de Pulino:

Assumir que a criança pode filosofar em sala de aula e desenvolver programas para viabilizar a introdução dessa disciplina nas escolas significa, mais do que assumir ideias e práticas, ter que fazer escolhas não só teóricas como definir criança, filosofia e educação –mas também práticas –as estratégias pedagógicas até porque umas e outras se interrelacionam. (Pulino, 2003 p.2).

Portanto, em primeiro lugar, é crucial adaptar os conceitos filosóficos de forma adequada à idade e ao nível de desenvolvimento cognitivo das crianças. Isso requer uma abordagem cuidadosa para garantir que os temas e as questões abordadas sejam acessíveis e relevantes para os alunos, podendo assim tornar o ensino filosófico mais adaptado e atrativo ao público infantil.

Além disso, os educadores precisam estar preparados para lidar com as diferentes perspectivas e respostas das crianças às questões filosóficas. Isso envolve cultivar um ambiente de sala de aula onde o pensamento divergente e a expressão de diferentes pontos de vista sejam valorizados e respeitados. Também é importante considerar como integrar o ensino filosófico ao currículo escolar existente, garantindo que haja tempo e espaço suficientes para explorar adequadamente os conceitos filosóficos.

Os educadores devem estar abertos a aprender junto com seus alunos, reconhecendo que

a filosofia é uma disciplina em constante evolução e que sempre há mais a ser descoberto e explorado. Assim, Todos os participantes têm a oportunidade de contribuir com suas ideias e perspectivas, promovendo um ambiente de aprendizado inclusivo e democrático, promovendo o ensino filosófico e explorando diferentes perspectivas de suas próprias suposições. Nesse sentido, Michel Schellin Canez (2016) traz a seguinte contribuição:

É mediante esta comunidade que a criança aprende valores humanos como o respeito mútuo, aprendendo a escutar o outro dentro do diálogo investigativo, e onde ela aprende a ser mais desinibida para intervir na aula, proporcionando o desenvolvimento de sua capacidade criativa, e é questionando os saberes que lhe são apenas transmitidos, que desenvolverá sua capacidade crítica, não sendo desta forma um mero espectador do conhecimento (Schellin, 2020, p.25).

A introdução ao filosofar nas escolas é um empreendimento promissor, mas que requer uma abordagem cuidadosa e reflexiva por parte dos educadores. Ao fazer isso, podemos ajudar a cultivar uma nova geração de pensadores críticos e criativos. “O empenho em refletir, ler e discutir sobre essa primeira questão motivou educadores, psicólogos e filósofos no mundo todo, que se envolveram em programas de introdução de filosofia em escolas.” (Pulino, 2003 p.02).

É inspirador ver como o interesse em introduzir ensino filosófico nas escolas tem mobilizado educadores, psicólogos e filósofos em todo o mundo. A variedade de abordagens, desde aquelas baseadas no método proposto por Lipman até novas formas de compreender e praticar a filosofia nas escolas, demonstra a riqueza e a diversidade de perspectivas dentro desse campo emergente. A infância é um período crucial no desenvolvimento humano, onde a formação de valores, crenças e habilidades cognitivas está em pleno andamento. Durante essa fase, as crianças estão receptivas às informações e ensinamentos que irão moldar suas atitudes e comportamentos ao longo de suas vidas. Valores como humildade, respeito mútuo, honestidade e amizade são frequentemente ensinados desde o início, tanto no ambiente familiar quanto na comunidade onde a criança vive.

O método proposto por Lipman, que enfatiza a importância do diálogo filosófico e da construção conjunta do conhecimento, tem sido uma influência significativa em muitos programas de introdução à filosofia nas escolas. No entanto, é encorajador ver que os educadores e filósofos estão explorando e desenvolvendo novas abordagens que se adaptam às necessidades específicas de diferentes contextos educacionais e culturais. A comunidade e a escola desempenham papéis significativos na socialização das crianças. Interações com colegas, professores e outros membros da comunidade ampliam a compreensão dos valores sociais e morais.

Essa diversidade de abordagens reflete o reconhecimento de que não existe uma única maneira "certa" de introduzir o ensino filosófico nas escolas. Em vez disso, é importante que os programas sejam flexíveis e adaptáveis, permitindo que os educadores incorporem as melhores práticas e adaptem as estratégias conforme necessário para atender às necessidades dos alunos. Além disso, o envolvimento de psicólogos também é crucial, pois eles podem trazer insights importantes sobre o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, informando a forma como a filosofia é ensinada e praticada nas escolas.

Uma pesquisa realizada por Susanne Andrade (2005) na revista Saúde Pública, vai nos mostrar como a família desempenha um papel crucial na socialização das crianças, atuando como mediadora entre a criança e a sociedade. Este processo de socialização é essencial para o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, preparando-as para interagir e se integrar no mundo social. Além disso, a família é um sistema aberto que se desenvolve através de interações com outros sistemas, e, portanto, está sujeita a transformações que refletem mudanças mais amplas na sociedade:

A família desempenha ainda o papel de mediadora entre a criança e a sociedade, possibilitando a sua socialização, elemento essencial para o desenvolvimento cognitivo infantil. Sendo um sistema aberto que se desenvolve na troca de relações com outros sistemas, tem sofrido transformações, as quais refletem mudanças mais gerais da sociedade. (Andrade, 2005, p.606).

No geral, esse empenho coletivo em refletir, ler e discutir sobre a introdução da filosofia nas escolas é um sinal promissor de um movimento educacional que valoriza o pensamento crítico, a criatividade e o questionamento como ferramentas fundamentais para o desenvolvimento humano. Assim, a família é uma instituição fundamental na socialização das crianças, influenciando profundamente seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Atuando como mediadora entre a criança e a sociedade, a família não apenas transmite valores e normas sociais, mas também responde e se adapta às mudanças culturais e sociais mais amplas. Com a evolução das estruturas familiares e as mudanças na sociedade, é essencial que as famílias adotem estratégias que promovam uma socialização saudável e o desenvolvimento integral das crianças.

Carvalho (2019) traz uma reflexão profunda sobre o ensino da filosofia e a própria natureza da filosofia como uma disciplina ensinável: O ensino da filosofia é já uma questão filosófica, seja no sentido de se impor como tópico de problematização reflexionante (é a filosofia ensinável? o que se pode entender por ensinar?...). (Carvalho, 2019, p 24). A questão do ensino da filosofia já é, por si só, uma questão filosófica. Isso significa que pensar sobre como ensinar filosofia envolve refletir sobre a própria natureza do ensino e da aprendizagem.

Questões como "a filosofia é ensinável?" ou "o que significa ensinar?" são tópicos que merecem reflexão filosófica. Essas perguntas não têm respostas simples e demandam uma consideração profunda sobre o papel do professor, do aluno e do conteúdo filosófico.

Qualquer prática de ensino carrega consigo pressupostos e compromissos filosóficos. A maneira como a filosofia é ensinada depende da compreensão do que se entende por filosofia. Por exemplo, ensinar filosofia como um conjunto de teorias e conceitos pode diferir de ensiná-la como um método de questionamento e diálogo. Portanto "A promoção de práticas regulares do exercício do pensamento filosófico pode obviamente ser apresentada como um programa de desenvolvimento de habilidades cognitivas (o Santo Graal do sucesso escolar das aprendizagens)". (Carvalho, 2019, p.28-29).

A forma de ensinar a filosofar é influenciada pela concepção do que é filosofia. Se for vista como um processo contínuo de questionamento, o ensino será mais dialógico e interativo. Quando o ensino é mais dialógico e interativo, ele se distancia do modelo tradicional de transmissão unidirecional de conhecimento e se aproxima de um processo educativo mais colaborativo e participativo. Este tipo de ensino é centrado na interação, no diálogo e na construção conjunta do conhecimento, envolvendo ativamente tanto professores quanto alunos.

Pensar sobre o ensino da filosofia é, em si, um ato filosófico. Isso sugere que o ensino da filosofia deve também ser filosófico, independentemente da abordagem adotada. Ou seja, o processo de ensinar filosofia deve incorporar elementos de reflexão, questionamento e diálogo, característicos da prática filosófica. Ensinar a filosofar não é apenas uma transmissão de conhecimento, mas envolve uma prática reflexiva que deve espelhar a própria natureza filosófica. Essa abordagem integradora ajuda a desenvolver nos alunos a capacidade de pensar criticamente e filosofar por conta própria.

Ensinar a pensar é um conceito que tem ganhado relevância na educação contemporânea. Inicialmente, muitos viam essa prática como uma atividade secundária, algo que estava meramente subordinado ao processo tradicional de ensino e aprendizado. A ideia era que o ensino se concentrava na transmissão de conhecimento e que a capacidade de pensar surgia como um subproduto dessa transmissão.

Segundo afirma Lipman:

Mas o suficiente fora feito para sacudir a comunidade de pesquisa educacional. As pessoas começaram a falar sobre ensinar a pensar. Muitas delas, de início, consideravam isto como uma atividade que estivesse meramente subordinada a ensinar a aprender (Lipman, 1995. p.154).

No entanto, com o tempo, a visão sobre o ensino do pensamento mudou significativamente. Educadores e pesquisadores começaram a perceber que ensinar a pensar de

maneira crítica, criativa e reflexiva é essencial para preparar os alunos para enfrentar desafios complexos na vida pessoal e profissional. Afinal, em um mundo onde a informação está em constante fluxo e onde as habilidades necessárias para o sucesso estão sempre evoluindo, a capacidade de pensar de maneira flexível e adaptável é crucial. Portanto, a educação moderna não se limita mais a transmitir conteúdo; ela busca também desenvolver habilidades cognitivas e metacognitivas que capacitem os alunos a pensar por si mesmos e a aplicar seu conhecimento de maneiras inovadoras e eficazes, ajudando os alunos a perceberem as desigualdades e injustiças sociais, econômicas e políticas que os afetam e a desenvolverem uma compreensão crítica dessas questões.

A educação tradicional caracteriza-se por um modelo centrado no professor, onde o conhecimento é transmitido de forma hierárquica e linear. Os alunos, neste contexto, são vistos como receptores passivos da informação, que devem absorver e reproduzir o conteúdo de maneira fiel. O foco está na memorização e na disciplina, valorizando a autoridade do professor como figura central no processo educativo. Esse modelo tende a preparar os estudantes para responder a padrões preestabelecidos, muitas vezes limitando o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia.

Por outro lado, a educação emancipatória, inspirada em pedagogos como Paulo Freire, propõe um ensino transformador e crítico, centrado no aluno e na sua capacidade de questionar e compreender o mundo de forma ativa. Nesta abordagem, a educação visa libertar os indivíduos da opressão intelectual e social, proporcionando-lhes ferramentas para se tornarem agentes de mudança. O diálogo entre professor e aluno é horizontal e colaborativo, incentivando a reflexão, a autonomia e a participação ativa no processo de construção do conhecimento. Em vez de apenas transmitir conteúdo, a educação emancipatória busca formar cidadãos conscientes e críticos, capazes de intervir na realidade para transformá-la.

A educação tradicional, embora incluísse elementos de pensamento, frequentemente falhava em desenvolver um pensar de qualidade. Ensinar a pensar criticamente, portanto, se tornou uma necessidade imperativa para melhorar a qualidade do pensamento dos alunos, pois, a educação emancipatória combina reflexão crítica com ação prática, permitindo que os alunos apliquem o que aprenderam para transformar sua realidade. Capacita os alunos a se tornarem agentes de mudança, capazes de influenciar positivamente suas comunidades e a sociedade em geral.

Ensinar a pensar criticamente, portanto, vai além de simplesmente incentivar os alunos a pensar. Trata-se de fornecer-lhes as ferramentas e os métodos necessários para que possam avaliar, analisar e criar conhecimentos de maneira eficaz e independente. É um processo

contínuo e dinâmico que prepara os alunos para enfrentar os desafios do mundo moderno de maneira informada e ponderada. Lipman observou que “a educação tradicional compreendia o pensar, porém a qualidade deste pensar era deficiente. O que era necessário não era simplesmente ensinar a pensar, mas ensinar a pensar criticamente”. (Lipman, 1995. p.154).

3.2 A Filosofia para Crianças na Escola Cidadã

A educação libertadora de Paulo Freire é uma abordagem pedagógica que visa transformar o sistema educacional em um processo de libertação para os oprimidos, promovendo a consciência crítica e o desenvolvimento do pensamento autônomo dos alunos. O conceito foi desenvolvido a partir da obra central de Freire, *Pedagogia do Oprimido*, publicada em 1968, onde ele desafia os métodos tradicionais de ensino e apresenta uma visão educacional baseada no diálogo e na conscientização social.

Uma "escola cidadã" segundo Freire (2022) é uma instituição educacional que se dedica não apenas à transmissão de conhecimentos acadêmicos, mas também à formação integral dos alunos como cidadãos conscientes, críticos e ativos na sociedade. Essa abordagem é profundamente influenciada pelos princípios da educação libertadora de Paulo Freire e pelo conceito de educação democrática. Certamente, uma vez que as crianças passam uma parte significativa de suas vidas na escola, é evidente que a escola tem uma responsabilidade considerável em sua socialização.

Neste contexto, "socialização" diz respeito ao desenvolvimento de comportamentos, valores e atitudes que fundamentam a cidadania responsável. A socialização das crianças na escola ultrapassa o âmbito acadêmico, incluindo a construção de valores e atitudes que promovem uma cidadania ativa e consciente.

As escolas, portanto, têm a responsabilidade de criar ambientes e experiências que promovam o desenvolvimento social e cívico dos alunos, preparando-os para serem cidadãos conscientes, críticos e ativos na sociedade. Através de práticas pedagógicas intencionais e integradas, as escolas podem ajudar a formar indivíduos que contribuirão positivamente para suas comunidades e para o mundo.

Segundo Lipman:

Uma vez que as crianças passam muito tempo de suas vidas na escola, é evidente que ela tem uma considerável responsabilidade por sua socialização. "Socialização aqui, significa a aquisição de comportamento característico da boa cidadania. Uma das características mais marcantes de um bom cidadão é a prontidão em considerar o bem da sociedade juntamente com o seu próprio bem pessoal. (Lipman, 1990, p. 75).

As escolas proporcionam oportunidades para que os alunos interajam e colaborem uns com os outros, desenvolvendo habilidades sociais essenciais como empatia, respeito e trabalho em equipe. A educação em valores é fundamental para a socialização, portanto, a escola deve ensinar e promover valores como justiça, honestidade, respeito e responsabilidade. Professores e funcionários da escola servem como modelos de comportamento para os alunos, demonstrando na prática os valores e atitudes desejados.

A ênfase na problematização e no diálogo como elementos centrais do processo de aprendizagem é uma característica fundamental tanto na Comunidade de Investigação proposta por Matthew Lipman quanto na educação para a liberdade concebida por Paulo Freire. Ambas as abordagens visam motivar os alunos a pensar por si mesmos, transformando o aprendizado em um processo ativo e reflexivo. Matthew Lipman, desenvolveu o conceito de Comunidade de Investigação como parte de seu programa de Filosofia para Crianças. Sua abordagem enfatiza a importância de criar um ambiente colaborativo onde os alunos possam dialogar, questionar e explorar ideias de maneira crítica. Segundo afirma Lipman:

Podemos, portanto, falar em “converter a sala de aula em uma comunidade de investigação” na qual os alunos dividem opiniões com respeito, desenvolvem questões a partir das ideias de outros, desafiam-se entre si para fornecer razões a opiniões até então não apoiadas, auxiliarem uns aos outros ao fazer interferências daquilo que foi afirmado e buscar identificar as suposições de cada um. (Lipman, 1995, p.31).

Dito isto, Paulo Freire, renomado educador brasileiro, propôs uma abordagem educacional centrada na libertação e na conscientização. Sua pedagogia enfatiza a importância do diálogo e da problematização como ferramentas para transformar a educação em um processo emancipatório. A educação em um processo emancipatório é uma abordagem que visa liberar os indivíduos de condições de opressão e capacitá-los a atuar de maneira crítica e consciente na sociedade.

A convergência entre as abordagens de Lipman e Freire está no reconhecimento de que o pensar por si mesmo é essencial para a aprendizagem significativa e transformadora. Ambos acreditam que a educação deve ser um processo ativo e participativo, onde os alunos são estimulados a questionar, dialogar e refletir.

Defendendo a educação como uma situação eminentemente gnosiológica, dialógica por consequência, em que educador-educando e educando-educador se solidarizam, problematizados, em torno do objeto cognoscível, resulta óbvio que o ponto de partida do diálogo está na busca do conteúdo programático. (Freire, 2022, p. 117).

Tanto Lipman quanto Freire valorizam a autonomia dos alunos, incentivando-os a desenvolver suas próprias ideias e a pensar criticamente. Em ambas as abordagens, os alunos

não são meros receptores passivos de informações, mas participantes ativos na construção do conhecimento. Freire, em particular, enfatiza a educação como um meio de transformação social. Embora Lipman foque mais na formação do pensamento crítico, a implicação é que cidadãos críticos estão melhor preparados para participar ativamente na sociedade.

Portanto, a integração de problematização e diálogo em situações educativas, conforme proposto por Lipman e Freire, promove um ambiente onde os alunos são motivados a pensar de maneira independente e crítica, definindo o aprendizado como um processo dinâmico e colaborativo.

3.3 A Filosofia na Escola: Promovendo o Desenvolvimento da Racionalidade Infantil

O desenvolvimento da racionalidade nas crianças é um processo complexo que vai além dos aspectos biológicos. Ele é fortemente influenciado pelo ambiente familiar, social e cultural em que a criança está inserida. Esse desenvolvimento é resultado de um processo complexo de interação entre fatores biológicos, sociais e culturais. Lipman afirma que: “As crianças desenvolvem-se como seres humanos racionais não apenas porque nascem com um cérebro dentro de seu crânio, mas também porque encontram-se em famílias e em sociedades [...]. (Lipman, 1990, p. 77).

Um ambiente estimulante, a modelagem de comportamento racional pelos adultos, uma educação formal de qualidade e a influência positiva dos pares e da cultura são essenciais para que as crianças se desenvolvam como seres humanos racionais. A integração desses fatores cria um contexto rico e favorável para o desenvolvimento do pensamento crítico e das habilidades cognitivas, preparando as crianças para serem cidadãos conscientes e ativos em uma sociedade cada vez mais complexa.

A introdução da filosofia na escola é um passo crucial para promover o desenvolvimento da racionalidade infantil. Instituições educacionais que valorizam e cultivam o pensamento crítico, através de currículos bem estruturados e práticas pedagógicas racionais, contribuem significativamente para a formação de cidadãos conscientes e ativos. A filosofia, com seu foco no diálogo, na argumentação e na reflexão crítica, é uma ferramenta poderosa para ajudar as crianças a internalizarem características racionais e a se desenvolverem plenamente como seres humanos racionais.

Temos falado do caráter como um conjunto de hábitos que, como um todo, guia nosso comportamento irrefletido, embora isso possa ocorrer em concordância com procedimentos racionais que internalizamos. O caráter é formado tanto por hábitos conscientes quanto

inconscientes, que moldam a maneira como reagimos e interagimos com o mundo ao nosso redor. Ele deve ser um esforço conjunto entre escolas, famílias e comunidades, buscando criar um ambiente onde os valores possam ser vivenciados e internalizados de maneira significativa.

Para Lipman, “o aspecto da educação de valores no processo educacional pode, aqui, dar uma importante contribuição” (Lipman, 1990, p. 78). Valores são princípios que orientam o comportamento humano e são essenciais para a formação de um caráter sólido e ético. Integrar a educação de valores ao ensino da filosofia pode potencializar ainda mais o desenvolvimento da racionalidade e do caráter dos alunos. A educação de valores é essencial para formar indivíduos éticos, responsáveis e empáticos, capazes de contribuir positivamente para o desenvolvimento do pensamento efetivo.

O pensamento efetivo, de fato, depende de uma série de habilidades de raciocínio que, quando desenvolvidas e aplicadas de forma conjunta, permitem uma compreensão mais profunda, tomada de decisões mais acertadas e resolução de problemas de maneira eficiente. Esse processo envolve a utilização eficiente de várias habilidades cognitivas para resolver problemas, tomar decisões e entender o mundo de maneira profunda e precisa. É essencial em diversos contextos, desde o ambiente acadêmico até o profissional e pessoal.

Lipman afirma que:

Como sabemos, o pensamento efetivo depende de uma bateria e porque não dizer, de um batalhão de habilidades de raciocínio. Muitas dessas habilidades representam competência no uso lógica. Somente na lógica contém critérios em que o raciocínio sólido pode distinguir-se do raciocínio insólito. (Lipman. 1990, p.80).

O desenvolvimento e a aplicação dessas habilidades são essenciais para um pensamento efetivo. Elas permitem uma abordagem mais rigorosa e reflexiva aos problemas e desafios, facilitando a adaptação a diferentes contextos e a elaboração de soluções mais robustas e bem fundamentadas. Desenvolver essas habilidades requer prática contínua, autocrítica e um compromisso com a aprendizagem ao longo da vida. Ao cultivar um pensamento efetivo, os indivíduos não só melhoram sua capacidade de entender e interagir com o mundo ao seu redor, mas também se tornam agentes mais competentes e responsáveis em suas comunidades e profissões.

4 A FILOSOFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: DESAFIOS, POSSIBILIDADES E A PRÁTICA DA FILOSOFIA PARA CRIANÇAS

A proposta da prática da filosofia para crianças com foco na reflexão tem como objetivo principal transformar a prática docente, promovendo o desenvolvimento de habilidades reflexivas que permitam aos professores questionar e aperfeiçoar suas abordagens educacionais.

Dessa forma, eles podem atuar como facilitadores de um aprendizado ativo, onde os alunos participam de forma crítica e consciente. Este tipo de formação capacita os educadores a adaptarem suas práticas de maneira mais eficaz, considerando as necessidades dos estudantes e incentivando o pensamento crítico e a autoconfiança deles.

4.1 Desafios e Possibilidades

A inclusão da Filosofia no ensino fundamental apresenta uma série de desafios, especialmente quando se observa que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em sua versão de 2018, não contempla de forma explícita e sistemática o ensino dessa disciplina nesse nível de ensino. Embora a BNCC valorize o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo ao longo de todo o currículo, a Filosofia, enquanto disciplina autônoma, ainda enfrenta dificuldades em ser implementada de maneira plena nas escolas de ensino fundamental.

Um dos principais desafios é a falta de uma previsão curricular mais clara para a Filosofia. No ensino fundamental, a BNCC foca em áreas como Língua Portuguesa, Matemática, Ciências e História, deixando a Filosofia como algo periférico ou muitas vezes apenas sugerido nas habilidades de outras disciplinas. A ausência de uma estrutura específica para o ensino filosófico faz com que muitos educadores e escolas enfrentem dificuldades para integrar a Filosofia de maneira consistente no cotidiano escolar.

Outro desafio importante é a formação dos professores. O ensino de Filosofia requer profissionais preparados não apenas em termos de conteúdo, mas também em métodos pedagógicos que favoreçam a reflexão crítica, o debate e o desenvolvimento de habilidades argumentativas entre os estudantes. Muitos docentes do ensino fundamental, especialmente nas séries iniciais, não possuem uma formação específica na área filosófica, o que dificulta a abordagem de temas complexos como ética, lógica e metafísica de maneira acessível para crianças e adolescentes.

Além disso, a Filosofia é frequentemente vista como uma disciplina abstrata e de difícil compreensão, o que pode gerar resistência tanto por parte de alunos quanto de educadores. No contexto de um currículo já bastante sobrecarregado, muitas vezes a Filosofia é vista como um “luxo” ou um conteúdo que pode ser adiado ou substituído por disciplinas consideradas mais urgentes ou diretamente relacionadas às provas e avaliações externas.

A pressão para o cumprimento de metas e a preparação para exames padronizados também podem contribuir para a marginalização da Filosofia no ensino fundamental. No Brasil, os estudantes são frequentemente avaliados com foco em conteúdos mais “objetivos” e de memorização, como Matemática e Língua Portuguesa, o que pode levar as escolas a priorizarem

esses conteúdos em detrimento da formação filosófica dos alunos, que demanda mais tempo para discussões, reflexões e compreensão aprofundada.

No entanto, apesar desses desafios, existem avanços e possibilidades de inclusão da Filosofia no ensino fundamental. Muitos projetos pedagógicos têm buscado inserir a Filosofia de maneira transversal, integrando-a com outras áreas do conhecimento. A disciplina pode ser abordada por meio de temas e questões que incentivem o desenvolvimento do pensamento crítico, como a análise de questões éticas, sociais e existenciais, que são acessíveis e pertinentes ao universo dos alunos. Além disso, a Filosofia pode colaborar para o fortalecimento de habilidades essenciais, como a argumentação, a análise crítica de informações e a construção de valores cidadãos.

A integração da Filosofia no ensino fundamental pode, portanto, ser vista como um investimento no desenvolvimento de cidadãos mais críticos, reflexivos e preparados para lidar com a complexidade do mundo contemporâneo. Para isso, é necessário que haja uma maior valorização da disciplina tanto nas políticas públicas de educação quanto na formação continuada dos professores, para que a Filosofia se torne uma prática presente e efetiva nas escolas de ensino fundamental.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo que estabelece as diretrizes e os conteúdos mínimos que devem ser ensinados nas escolas de educação básica em todo o Brasil. A BNCC tem como objetivo assegurar que todos os alunos, independentemente da região onde vivem, tenham acesso a um conjunto comum de aprendizagens essenciais, promovendo uma educação equitativa e de qualidade.

Orientada por um conjunto de competências gerais que visam formar cidadãos críticos, autônomos, solidários e preparados para atuar no mercado de trabalho e na vida em sociedade. A BNCC busca alinhar o currículo escolar com as exigências contemporâneas, garantindo que os estudantes desenvolvam conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que os capacitem a enfrentar os desafios do século XXI, em conformidade com os princípios constitucionais e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN).

Assim sendo, o Documento Curricular do Território Maranhense (2022) também é fundamental para guiar as redes de ensino na construção de currículos que atendam às necessidades regionais e locais, respeitando a diversidade cultural do país e promovendo uma educação inclusiva e contextualizada, tendo o objetivo de desenvolver os princípios éticos, estéticos e políticos. Essas competências são fundamentais “para atuar no mercado de trabalho e ainda para pensar em soluções para demandas individuais e sociais de forma autônoma, crítica e ética (DCTMA, 2022, p.15).

No Brasil, o ensino de Filosofia é obrigatório no Ensino Médio, com o objetivo de promover o pensamento crítico e a capacidade de análise dos alunos. De acordo com a legislação educacional brasileira e as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Filosofia não é uma disciplina obrigatória no Ensino Fundamental.

Segundo a BNCC:

Nas áreas que abrigam mais de um componente curricular (Linguagens e Ciências Humanas), também são definidas competências específicas do componente (Língua Portuguesa, Arte, Educação Física, Língua Inglesa, Geografia e História) a ser desenvolvidas pelos alunos ao longo dessa etapa de escolarização. (BNCC, 2018, p.28).

No entanto, os princípios filosóficos, como o desenvolvimento do pensamento crítico, o questionamento e a reflexão, são incentivados de forma transversal através de outras disciplinas e atividades. A BNCC promove a integração desses elementos nas áreas de Linguagens, Ciências Humanas, e outras, para que os estudantes possam desenvolver competências relacionadas ao raciocínio crítico e à reflexão ética desde cedo.

É importante alinhar as competências educacionais com os interesses, habilidades e escolhas dos estudantes ao longo do Ensino Fundamental. Trabalhar o pensamento reflexivo é preparar os alunos para entender e interagir com fenômenos sociais, políticos e econômicos de forma crítica e participativa. As instituições de ensino devem, portanto, considerar o significado e a aplicação dessas competências em suas propostas pedagógicas para garantir que os alunos possam desenvolvê-las e alcançar os resultados desejados.

Segundo o Documento Curricular do Território Maranhense para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental:

Essas competências, ao longo do Ensino Fundamental, devem ser atreladas aos interesses, habilidades e escolhas dos estudantes, dando-lhes condições de atuar na vida compreendendo os fenômenos sociais, políticos e econômicos, posicionando-se com criticidade e participação. (DCTM, 2022, p.15).

Dessa forma, o DCTMA, alinhado à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), reconhece a importância de uma educação voltada para o desenvolvimento integral do aluno, valorizando o contexto local e a realidade dos estudantes, incentivando uma aprendizagem que dialogue com os saberes tradicionais, a cultura regional e as necessidades da comunidade.

A reflexão, nesse sentido, se torna um instrumento para que os alunos possam não apenas entender os conteúdos acadêmicos, mas também relacioná-los com suas experiências de vida e o ambiente em que estão inseridos. No Maranhão, onde há uma grande diversidade étnica e cultural, a reflexão crítica ajuda a compreender questões de identidade, pertencimento e cidadania, promovendo um maior engajamento social e político.

Além disso, a prática reflexiva contribui para que as crianças possam questionar e avaliar criticamente a realidade socioeconômica de sua região, desenvolvendo uma consciência cidadã que os capacite a atuar como agentes transformadores em suas comunidades. Esse processo estimula a autonomia de pensamento e a capacidade de resolver problemas de maneira criativa e ética, respeitando a diversidade e buscando o bem comum.

Portanto, a reflexão, no Documento Curricular do Território Maranhense, está intimamente ligada ao desenvolvimento de uma educação que valorize o pensamento crítico, a criatividade e o respeito às realidades locais, preparando os estudantes para lidar com os desafios do mundo contemporâneo, sem perder de vista suas raízes culturais e sociais.

Na BNCC, por sua vez, a reflexão é aplicada principalmente por meio do incentivo ao questionamento, à análise crítica e à argumentação. A Competência Geral 2 da BNCC (2018, p.09), por exemplo, incentiva os alunos Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses [...]. Isso significa que, desde os primeiros anos do Ensino Fundamental, as crianças são estimuladas a pensar sobre o que aprendem, questionar o porquê das coisas, e a buscar explicações lógicas e fundamentadas para os fenômenos que observam.

A BNCC também incorpora a reflexão na resolução de problemas, especialmente em Matemática e Ciências da Natureza, ao estimular os estudantes a questionarem suas estratégias, analisarem seus erros e aprenderem com eles, desenvolvendo um pensamento mais autônomo e investigativo. Portanto, a BNCC aplica a reflexão no Ensino Fundamental ao integrar o pensamento crítico e analítico ao currículo, preparando os alunos para serem cidadãos curiosos, conscientes e capazes de contribuir de forma ética e responsável com a sociedade.

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as competências gerais são distribuídas de maneira a orientar o desenvolvimento integral dos estudantes, abrangendo aspectos cognitivos, emocionais, sociais e éticos. Essas competências estão organizadas em dez habilidades amplas, que devem ser trabalhadas ao longo de toda a educação básica. Elas incluem o desenvolvimento do pensamento crítico e científico, a capacidade de argumentação, a comunicação, a resolução de problemas, a valorização da diversidade cultural e o respeito aos direitos humanos, entre outras. Além disso, a BNCC busca integrar essas competências de forma transversal, permitindo que sejam aplicadas nas diversas áreas do conhecimento, promovendo uma aprendizagem significativa e conectada com a realidade dos alunos. Dessa forma, a BNCC propõe uma educação que não se limita apenas ao domínio de conteúdos, mas que visa também à formação de cidadãos conscientes, críticos e aptos a atuar de maneira

responsável e ética na sociedade.

Entre as competências gerais que a BNCC propõe, várias delas refletem diretamente princípios filosóficos. Por exemplo, a Competência 1, que fala sobre a valorização e o uso de conhecimentos historicamente construídos, promove a capacidade de questionamento e reflexão crítica sobre o mundo, que são características centrais da filosofia. “Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade” [...] (BNCC, 2018, p.9).

A Competência 7, que aborda a capacidade de argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, está estreitamente vinculada ao desenvolvimento da lógica e do raciocínio filosófico, promovendo a formação de um pensamento crítico e reflexivo nos alunos. Essa habilidade visa capacitar os estudantes a formular, negociar e defender ideias e decisões fundamentadas, sempre respeitando e promovendo os direitos humanos. Assim, a competência incentiva a construção de argumentos sólidos, que se apoiem em evidências concretas e que contribuam para a defesa de uma sociedade mais justa e igualitária. “Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos”. (BNCC, 2018, p.9).

Além disso, a Competência 10 trata do autoconhecimento e do cuidado com o outro, enfatizando aspectos como empatia e convivência ética, que são fundamentais no campo filosófico. Esse desenvolvimento de uma postura ética e reflexiva nas interações sociais e no reconhecimento da diversidade é um dos objetivos centrais da educação Reflexiva. “Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários”. (BNCC, 2018, p.9).

Ao incorporar essas competências, a BNCC cria um espaço para que os alunos do Ensino Fundamental possam não apenas aprender conteúdos, mas também refletir sobre a realidade, desenvolver autonomia de pensamento e agir de forma responsável e consciente em suas vidas e em suas comunidades. Assim, mesmo sem a disciplina de Filosofia como uma área separada, a formação filosófica é integrada ao currículo, promovendo uma educação mais crítica e humanista.

A capacidade de reflexão ajuda na formação de um pensamento mais estruturado, permitindo que as crianças façam perguntas, explorem novas ideias e compreendam diferentes perspectivas. Ao incentivar a reflexão desde cedo, promovemos a curiosidade intelectual e o desejo de aprender continuamente, algo que é essencial para a aquisição de conhecimento. Além disso, a reflexão contribui para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como o

autoconhecimento e a empatia, pois permite que as crianças compreendam melhor suas emoções e as dos outros.

Essa habilidade também está associada à criatividade, já que pensar de forma reflexiva pode levar a novas conexões e soluções inovadoras. A capacidade de se concentrar e de ser independente é outro benefício importante, uma vez que as crianças desenvolvem maior controle sobre seus próprios processos mentais e de aprendizagem.

4.2 Filosofia para Crianças (orientações para os professores sobre como abordar temas recorrentes em sala de aula, que merecem reflexão)

A formação continuada na educação infantil é de grande importância para garantir a qualidade no ensino e o desenvolvimento integral das crianças. Esse processo de capacitação permanente permite que os professores atualizem seus conhecimentos, acompanhem as inovações pedagógicas e reflitam sobre suas práticas, ajustando-as às necessidades e especificidades de seus alunos.

Para Lipman:

O ensino de filosofia requer professores que estejam dispostos a examinar ideias, a comprometer-se com a investigação dialógica e a respeitar as crianças que estão sendo ensinadas. Os métodos atuais de formação de professores não primam por desenvolver essas disposições. (Lipman, 1990, p.173).

Ensinar a filosofar, especialmente nas abordagens como a de Lipman e outras pedagogias voltadas para o pensamento crítico, exige que os professores estejam prontos não apenas para transmitir conhecimentos, mas para investigar ideias com seus alunos. A filosofia é uma disciplina que estimula o questionamento, a reflexão e o diálogo profundo. O papel do professor, portanto, vai além de ser um mero transmissor de conteúdo. Ele deve ser mediador e facilitador de um processo investigativo, onde as ideias são questionadas, debatidas e analisadas criticamente por todos — tanto pelo professor quanto pelos alunos. Isso implica em uma abordagem dialógica, ou seja, um diálogo constante entre todos os participantes do processo de ensino, em que nenhuma ideia é simplesmente aceita, mas todas são postas à prova por meio da reflexão e da discussão.

Uma das principais razões para investir na formação continuada é o fato de que as crianças em idade infantil estão em uma fase crucial de desenvolvimento, tanto cognitivo quanto emocional e social. Por isso, é essencial que os professores estejam preparados para lidar com a diversidade presente em sala de aula, incluindo diferenças culturais, sociais, cognitivas e emocionais. A formação contínua ajuda os educadores a desenvolverem estratégias

pedagógicas inclusivas e adaptativas, capazes de atender a essas diversas necessidades.

Lipman relata:

Houve um tempo em que se acreditava que, para ensinar uma matéria não se exigia mais que a posse do conhecimento – ou alguma parcela dele – acumulado naquela disciplina. Isto resultou em gerações e gerações de professores que não sabiam como ensiná-la. Com o tempo, o pêndulo virou para o extremo oposto: professores bem treinados em “métodos de ensino” mas que não sabiam suas matérias. (Lipman. 1990, p.174).

Contudo, esse modelo falha em reconhecer que ensinar não é apenas uma questão de possuir conhecimento, mas envolve habilidades pedagógicas, a capacidade de organizar e comunicar o conteúdo de maneira acessível e envolvente para os alunos. Essa abordagem gerou, ao longo do tempo, uma geração de professores que, embora soubessem muito sobre sua área, muitas vezes não sabiam como ensinar esse conhecimento de forma eficiente.

A formação de um bom professor exige uma integração entre conteúdo e métodos. Não basta que o professor seja apenas um "sabe-tudo" sobre sua disciplina ou, por outro lado, que seja um "especialista em técnicas pedagógicas" sem um bom conhecimento da matéria. É preciso cultivar tanto o domínio do conteúdo quanto a capacidade de ensinar, criando uma formação que prepare o professor para ser competente nas duas áreas.

A formação continuada permite aos professores refletirem criticamente sobre suas experiências, identificarem dificuldades e buscarem soluções inovadoras para os desafios que encontram no cotidiano escolar. Ao se manterem atualizados, os docentes ganham mais segurança e confiança para fazer intervenções adequadas, promovendo um ambiente de aprendizagem mais eficaz, acolhedor e respeitoso.

O respeito pelas crianças, enfatiza a forma como o professor não deve tratar os alunos como meros receptores de conhecimento, mas como pensadores autônomos, capazes de formular suas próprias ideias e questionamentos. Para que isso aconteça, é necessário que o professor crie um ambiente onde as crianças se sintam seguras e motivadas a expressar suas opiniões, sem medo de serem julgadas ou desvalorizadas. O professor deve valorizar as contribuições de cada aluno, independentemente de sua idade ou nível de compreensão, pois a filosofia é, acima de tudo, um processo de exploração conjunta de ideias, que exige que todos se sintam ouvidos e respeitados.

Buscando atender a todos os níveis de ensino e alcançar crianças e jovens de diferentes idades, Lipman (1990) elaborou uma metodologia inovadora de ensino, acompanhada de um currículo específico para Filosofia. O objetivo era promover a iniciação filosófica por meio de Comunidades de Investigação nas salas de aula. Como parte dessa proposta, o autor criou as

“Novelas Filosóficas”, narrativas de variados estilos cujos personagens, representados por crianças e jovens, enfrentam dilemas e questões do cotidiano, explorados no contexto da ficção. Para Lipman (1995, p. 331), “toda investigação é uma prática de autocrítica, além de ser totalmente exploratória e questionadora”.

O principal objetivo dessas novelas era tornar conceitos filosóficos acessíveis e relevantes, criando narrativas que conectassem questões filosóficas a situações cotidianas vividas pelos estudantes. Dentre os objetivos das novelas, podemos destacar:

- Despertar o interesse filosófico: As novelas servem como um ponto de partida para que os alunos explorem temas como justiça, ética, lógica e democracia de maneira contextualizada.
- Incentivar o diálogo filosófico: As histórias apresentam dilemas e perguntas abertas que estimulam a reflexão coletiva e o debate em sala de aula.
- Desenvolver habilidades de pensamento: Por meio da narrativa, Lipman buscava ensinar habilidades de raciocínio lógico, empatia e análise crítica.
- Tornar a filosofia prática e acessível: Em vez de introduzir os alunos a textos densos de filósofos, as novelas simplificam conceitos complexos, permitindo que crianças e jovens possam se engajar no processo filosófico desde cedo.

Lipman (1995, p. 336) afirma que “Uma conversa é uma troca de sentimentos, pensamentos, informações, interpretações. Um diálogo é um exame, uma investigação, um questionamento”. Portanto o diálogo filosófico é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do pensamento crítico, pois ele exige exame e reflexão, ao contrário da conversa, que pode ser mais superficial e voltada para o simples compartilhamento de ideias. O diálogo é fundamental para fomentar uma educação que não apenas transmite conhecimento, mas também ensina a questionar e investigar o mundo ao nosso redor.

Por meio da participação em Comunidades de Investigação, os temas filosóficos são explorados através de um diálogo colaborativo. Nesse processo, os estudantes trocam ideias e refletem em conjunto. O professor, como mediador, orienta as discussões, ajudando os alunos a compartilhar seus conceitos e a adotar diferentes perspectivas nos temas discutidos. Nessa abordagem, Lipman defende que o ensino da filosofia é essencial para o desenvolvimento do senso crítico dos indivíduos. No processo de aprendizagem Lipman (1995, p. 348) fala que “A comunidade de investigação, em certo sentido, é uma aprendizagem conjunta e, portanto, um exemplo do valor da experiência compartilhada. Portanto, Lipman coloca a comunidade de investigação como um modelo de aprendizagem mais horizontal, onde o conhecimento é construído a partir das contribuições de todos os participantes, e não imposto de cima para

baixo. A ênfase na experiência compartilhada ressalta a importância do diálogo e da colaboração na construção do conhecimento filosófico.

Nas Comunidades de Investigação, os temas filosóficos são abordados por meio de um diálogo cooperativo, onde os estudantes trocam ideias e são desafiados a refletir coletivamente. Nessa dinâmica, o papel do professor é o de mediador, incentivando os alunos a compartilhar seus pensamentos e a se colocar no lugar do outro nas diversas questões levantadas. Para Lipman, essa abordagem torna o ensino da filosofia essencial para o desenvolvimento do pensamento crítico.

Uma das contribuições mais importantes de Lipman para a educação filosófica foi a criação de obras literárias que abordam questões filosóficas de maneira acessível e envolvente para crianças, utilizando um formato narrativo. Entre essas obras, destaca-se Pimpa e outras histórias dentro do projeto chamado "Filosofia para Crianças". Essas obras são especialmente eficazes porque exploram conceitos de lógica, ética e pensamento crítico de forma lúdica, conectando-se diretamente às experiências cotidianas e à visão de mundo dos jovens leitores. Assim, as novelas filosóficas são uma forma de transformar a sala de aula em uma comunidade de investigação.

Para auxiliar no desenvolvimento da comunidade de investigação se faz necessário utilizar os materiais visuais, afinal, eles desempenham um papel fundamental na aplicação de aulas para crianças, especialmente na educação infantil, onde o processo de ensino e aprendizagem é fortemente baseado na exploração sensorial e no estímulo da curiosidade. Esses recursos facilitam a compreensão, tornam o aprendizado mais dinâmico e ajudam a manter o interesse dos pequenos, que têm uma tendência natural a responder melhor a estímulos visuais.

Lançada em 1985, a tira cômica acompanha as aventuras de Calvin, um menino imaginativo e travesso, e seu amigo Hobbes, um tigre de pelúcia que ganha vida nas fantasias do garoto. Através de suas situações cotidianas, muitas vezes absurdas e hilárias, Watterson explora temas profundos como a amizade, a criatividade, a infância, a natureza humana e até mesmo críticas à sociedade. A genialidade de *Calvin and Hobbes* reside não apenas no humor afiado e nas situações irreverentes, mas também na maneira como, em muitas tiras, o autor aborda questões existenciais e filosóficas, utilizando o olhar inocente de uma criança para refletir sobre a complexidade da vida. Com um estilo de ilustração expressivo e uma escrita que oscila entre o cômico e o reflexivo, a obra se mantém relevante e tocante para leitores de todas as idades, tornando-se um clássico atemporal das histórias em quadrinhos.

A relação entre as histórias em quadrinhos e a filosofia tem suas origens nos personagens Calvin e Hobbes (ou Haroldo, na tradução). Inspirados no teólogo John Calvin e

no filósofo inglês Thomas Hobbes, as aventuras desses personagens utilizam a ironia de forma "positiva" como um meio de reflexão. Devido às suas características únicas e à linguagem simples, que se distanciam dos livros convencionais, as histórias em quadrinhos criam uma conexão mais direta com os leitores, ajudando no aprimoramento das habilidades de análise e contextualização.

Os quadrinhos, além de servirem como uma ferramenta pedagógica que estimula o hábito da leitura, são também fontes valiosas para introduzir a filosofia no ensino fundamental. Eles incentivam crianças e jovens a refletirem sobre sua realidade, por meio dos temas explorados nas histórias.

Segundo Texeira (2015), com os quadrinhos, os professores podem abordar questões filosóficas por meio de narrativas divertidas, inteligentes, cativantes e irônicas, que incentivam os alunos a refletirem a partir de questionamentos instigantes, sem renunciar ao elemento lúdico e divertido.

Para Texeira (2015):

Por ter suas características próprias e uma linguagem simples, diferentes dos livros em geral, as histórias em quadrinhos permitem uma relação maior entre os leitores, auxiliando no desenvolvimento das habilidades de análise e contextualização. (Texeira, 2015, p. 124).

Portanto, um dos principais benefícios dos materiais visuais no ensino para crianças é que eles facilitam a compreensão das crianças, principalmente na fase de desenvolvimento, processam informações visuais de forma mais rápida do que as textuais. Imagens, vídeos, gráficos e outros recursos visuais ajudam a ilustrar conceitos abstratos, tornando-os mais concretos e acessíveis. Isso é especialmente útil para introduzir novos conteúdos ou quando o vocabulário da criança ainda está em desenvolvimento.

Os materiais visuais são ferramentas poderosas no ensino de crianças, pois tornam o aprendizado mais acessível, interessante e adaptado às suas necessidades. Eles não apenas ajudam na compreensão dos conteúdos, mas também incentivam a criatividade, a participação ativa e a retenção de informações, contribuindo para um processo de aprendizagem mais completo e eficaz.

Com base nesta contribuição, apresenta-se o desenvolvimento de uma aula que podem ser realizadas com crianças, fundamentadas nas ideias de Lipman, nas quais as novelas filosóficas e/ou histórias infantis irão desencadear questões presentes no cotidiano infantil. Além disso, o uso da história em quadrinhos permitirá uma compreensão mais lúdica do conteúdo abordado.

A proposta de trabalhar o tema da amizade na aula de Filosofia para crianças,

utilizando imagens como recurso pedagógico, visa promover a reflexão filosófica de maneira acessível e significativa. Acredito que essa abordagem pode contribuir significativamente para a prática pedagógica ao tornar o conceito de amizade algo concreto e palpável, permitindo que os alunos explorem questões como o respeito, a empatia, a solidariedade e a convivência harmoniosa de forma mais direta. Ao estimular os alunos a interpretar e discutir imagens, o professor cria um espaço para o exercício do pensamento crítico, onde as crianças são convidadas a questionar, expressar suas ideias e estabelecer conexões entre suas experiências pessoais e os conceitos filosóficos. Dessa forma, a proposta não apenas enriquece o processo de ensino, mas também estimula o desenvolvimento de habilidades essenciais para a construção de um pensamento filosófico, como a análise, a argumentação e a reflexão sobre questões éticas e sociais, promovendo uma aprendizagem ativa e integradora.

PLANO DE AULA

Disciplina:		Habilidades da BNCC: EF15LP09,		Data:
Professor:		EF15LP10, EF01HI03		
		Serie:		
Tema: Amizade em Aristóteles				
OBJETIVO GERAL	CONTEÚDO PROGRAMÁTICO	METODOLOGIA	RECURSOS UTILIZADOS	AVALIAÇÃO
<p>1- Conhecer o conceito de amizade segundo Aristóteles;</p> <p>2- Refletir sobre as qualidades da amizade e o valor de se ter amigos.</p> <p>3- Reconhecer a importância de</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O que é amizade? ▪ Amizade, segundo Aristóteles: (utilidade, prazer e verdadeira) ▪ A importância da amizade; <p>A qualidade das amizades</p>	<p>1º momento: Perguntar à turma “o que é amizade?”, com o objetivo de introduzir um diálogo sobre a amizade, a partir da compreensão que eles têm sobre o tema;</p> <p>2º momento: Apresentar o conceito de amizade de forma simples através de uma história e/ou novela infantil contada pelo professor, com personagens dentre os quais está</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Pincel ▪ Quadro ▪ Projetor ▪ Notebook ▪ Material impresso 	<p>A avaliação será diagnóstica, formativa e somativa.</p> <p>Avaliação somativa: Pedir às crianças para desenharem o que significa para elas ser um bom amigo ou ter um bom amigo. Elas podem desenhar o/os amigo/os que têm, uma situação em que se sentiram ajudadas ou felizes por</p>

cultivar amizades saudáveis.		<p>Aristóteles que contará aos outros personagens sobre os três tipos de amizade;</p> <p>3º momento: Perguntar à turma: "Vocês têm amigos que se encaixam em cada um desses tipos? Que tipo de amizade é mais importante para vocês?", com o objetivo de levá-los a refletir sobre a importância e a qualidade das amizades;</p> <p>4º momento: Orientações sobre a atividade avaliativa.</p>	<p>estarem com um amigo, ou até mesmo criar um "cartão de amizade".</p> <p>Ao final, peça para as crianças compartilharem com a turma o que desenharam e como acreditam que podem ser bons amigos.</p>
------------------------------	--	---	--

REFERÊNCIAS:

ORTEGA, Francisco. **Genealogias da amizade**. Editora Iluminuras Ltda, 2021.

ZANUZZI, Inara. **A amizade em Aristóteles: Política, III, 9 e Ética Nicomaqueia, VIII**. Dois Pontos, v. 7, n. 2, 2010.

UTZ, Konrad. **A Benevolência na definição aristotélica da amizade**. Revista Hypnos, n. 22, 2009.

Trabalhar o tema da amizade com as crianças é essencial para o desenvolvimento emocional e social delas, pois a amizade oferece um espaço para a construção de vínculos afetivos saudáveis, baseados no respeito, empatia e confiança. Ao abordar esse tema, as crianças aprendem a lidar com suas emoções, a compreender os sentimentos dos outros e a resolver conflitos de forma pacífica. A amizade também contribui para o fortalecimento de habilidades sociais, como a comunicação, a cooperação e a solidariedade, fundamentais para a convivência em grupo e a construção de uma sociedade mais justa e harmônica. Além disso, o incentivo à amizade ajuda as crianças a desenvolverem autoestima e senso de pertencimento, proporcionando um ambiente seguro onde elas se sentem acolhidas e valorizadas.

Ensinar sobre amizade ajuda as crianças a desenvolverem habilidades emocionais essenciais, como empatia, compreensão, e resolução de conflitos. Elas aprendem a se colocar no lugar do outro, respeitar as diferenças e lidar com as emoções em situações de interação social. Esses aspectos são fundamentais para o bem-estar das crianças e sua capacidade de formar relacionamentos saudáveis.

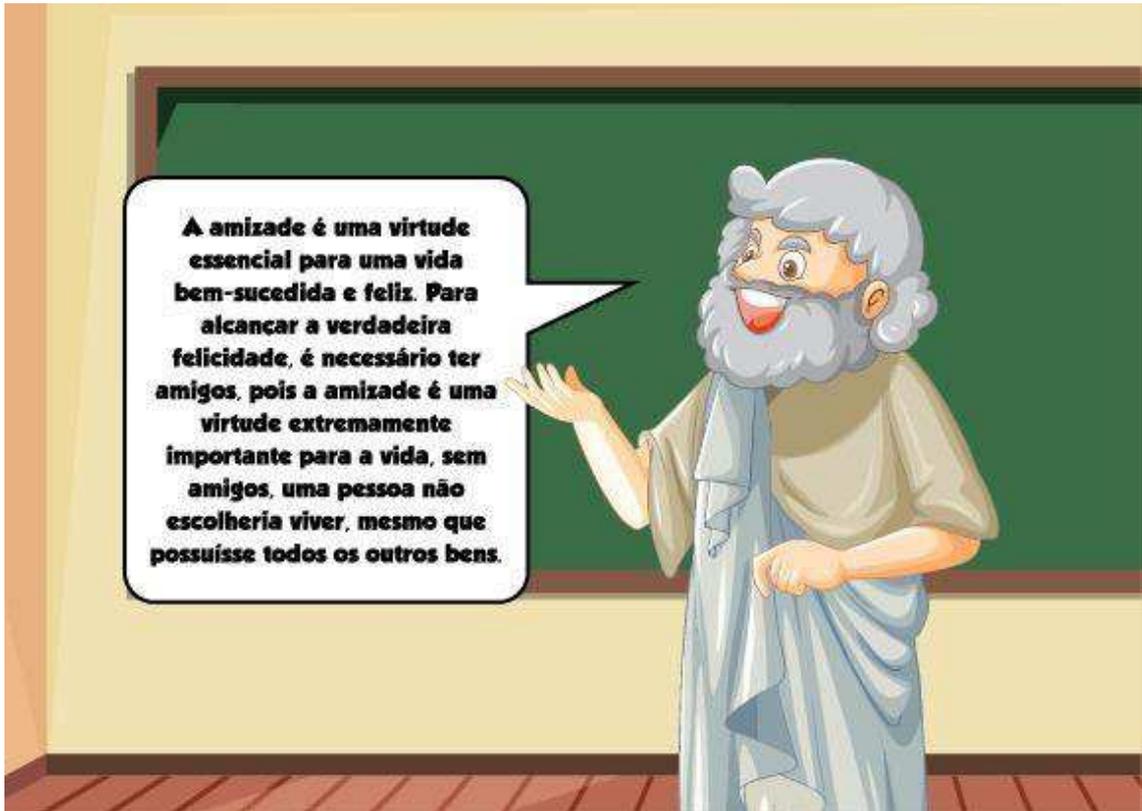
A seguir a visual da aula em questão:

Figura 1- Situação problemática entre crianças no ambiente escolar



Fonte: Adobe Ilustrador 2024

Figura 2 – A explicação de Aristóteles



Fonte: Adobe Ilustrador 2024

De acordo com Aristóteles, a amizade é uma virtude essencial para uma vida bem-sucedida e feliz. Em sua visão, para alcançar a verdadeira felicidade, é necessário ter amigos, pois, para ele, ninguém conseguiria atingir esse estado de plenitude sozinho. Ele afirma que, sendo a amizade uma virtude ou algo que a envolve, e sendo extremamente importante para a vida, sem amigos, uma pessoa não escolheria viver, mesmo que possuísse todos os outros bens.

Segundo Francisco Ortega:

Aristóteles distingue três tipos de amizade, segundo se baseiem na virtude, no agradável e no interesse, estabelecendo uma hierarquia entre eles. Só o primeiro à “amizade perfeita” (*teleia philia*), ao passo que as outras duas formas são consideradas imperfeitas, acidentais ou instrumentais. Amizade perfeita é definida como uma “benevolência recíproca”, em que o amigo é amado por si mesmo “em relação a um amigo dizendo que devemos desejar-lhe o que é bom por sua causa”. (Ortega, 2021, p.40).

Lipman (1990) destaca como um ponto fundamental as estratégias para tornar as aulas mais envolventes e participativas. Dentro dessas abordagens, o diálogo o debate cooperativo e os recursos visuais desempenham um papel crucial. No entanto, segundo o filósofo, por mais interessantes que sejam as questões filosóficas apresentadas, elas só terão

efetividade se forem trabalhadas dentro de Comunidades de Investigação, ou seja, por meio de discussões e debates em grupo.

Trabalhar o tema da amizade com as crianças é essencial para o desenvolvimento emocional e social delas, pois a amizade oferece um espaço para a construção de vínculos afetivos saudáveis, baseados no respeito, empatia e confiança. Ao abordar esse tema, as crianças aprendem a lidar com suas emoções, a compreender os sentimentos dos outros e a resolver conflitos de forma pacífica. A amizade também contribui para o fortalecimento de habilidades sociais, como a comunicação, a cooperação e a solidariedade, fundamentais para a convivência em grupo e a construção de uma sociedade mais justa e harmônica. Além disso, o incentivo à amizade ajuda as crianças a desenvolverem autoestima e senso de pertencimento, proporcionando um ambiente seguro onde elas se sentem acolhidas e valorizadas.

A aplicação de imagens na aula de Filosofia para crianças, especialmente com o tema amizade, pode ser uma estratégia muito eficaz para tornar conceitos abstratos mais acessíveis e estimular a reflexão. As imagens possuem um poder visual que facilita a compreensão e a conexão emocional com o tema abordado, além de permitir discussões mais dinâmicas e interativas. Ao trabalhar a amizade, por exemplo, você pode utilizar imagens de crianças interagindo, compartilhando momentos, ajudando umas às outras ou até mesmo representações simbólicas de amizade, como corações ou mãos dadas. Essas imagens ajudam as crianças a visualizar e expressar seus próprios sentimentos e experiências em relação à amizade.

É importante que, durante a aplicação das imagens, o educador promova momentos de diálogo, questionando os alunos sobre o que eles percebem na imagem e como ela se relaciona com suas próprias vivências. Além disso, o uso de imagens pode ser um ponto de partida para atividades criativas, como desenhar ou criar histórias sobre amizade, possibilitando que as crianças construam seu entendimento filosófico sobre o tema de forma prática e reflexiva.

O uso de imagens também pode contribuir para o desenvolvimento da empatia, ao representar diferentes formas de amizade e mostrando a importância do respeito, da compreensão e do cuidado mútuo. Dessa forma, as imagens funcionam como um recurso didático valioso para estimular a reflexão filosófica de maneira leve, lúdica e acessível, ajudando as crianças a internalizarem conceitos importantes sobre as relações humanas e a amizade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Filosofia para Crianças apresenta-se como uma abordagem enriquecedora para a formação docente, promovendo práticas educativas mais reflexivas, críticas e colaborativas. Esta metodologia incentiva professores a desempenharem o papel de mediadores, facilitando o diálogo e estimulando o pensamento crítico, criativo e ético nas crianças desde cedo. Na formação docente, a filosofia para criança contribui para que os educadores desenvolvam competências como a escuta ativa, a promoção de questionamentos significativos e a valorização da diversidade de ideias.

Portanto a Filosofia para Crianças, enquanto abordagem pedagógica, desempenha um papel crucial na formação cidadã dos estudantes, especialmente no contexto do Ensino Fundamental. Ao proporcionar aos alunos a oportunidade de questionar, refletir e debater sobre questões fundamentais da vida, ela contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico, da ética e da empatia, aspectos essenciais para a construção de uma sociedade mais consciente e participativa. A prática filosófica no ambiente escolar não se limita a transmitir conceitos abstratos, mas visa cultivar a capacidade de dialogar de maneira respeitosa e construtiva, habilidades indispensáveis para o exercício pleno da cidadania.

Além disso, a Filosofia para Crianças desafia os educadores a reconsiderarem suas próprias concepções pedagógicas, encorajando uma postura de constante aprendizado e adaptação às necessidades dos alunos. Esta prática reforça a importância de uma sala de aula democrática e participativa, onde o pensamento filosófico é integrado ao cotidiano escolar. Assim, a Filosofia para Crianças não apenas beneficia os alunos, mas também transforma os professores em profissionais mais conscientes e comprometidos com uma educação que forma cidadãos críticos e engajados.

Esse trabalho revelou que, quanto mais cedo o desenvolvimento do pensamento reflexivo das crianças for trabalhado nas escolas, desde o ensino fundamental, mais próximos estaremos de formar cidadãos críticos e autônomos, capazes de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Com o objetivo de explorar outros aspectos relacionados a esse tema, futuras pesquisas podem complementar os estudos sobre o ensino de filosofia para crianças e sua inclusão na grade curricular escolar. Nesse sentido, sugere-se uma investigação que acompanhe e avalie a formação dos professores, assim como os benefícios de introduzir esse ensino na educação infantil.

Contudo, a implementação efetiva da Filosofia no Ensino Fundamental enfrenta desafios significativos. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao definir a Filosofia

como um componente importante do currículo, abriu um caminho para sua inserção formal no currículo escolar. Porém, a efetividade dessa inclusão depende da valorização do ensino filosófico, do treinamento adequado dos professores e da adaptação dos materiais pedagógicos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) também estabelece a importância de uma educação crítica e reflexiva, mas a aplicação prática desses princípios no cotidiano escolar nem sempre é simples, especialmente em um contexto de limitações de tempo e recursos.

A ausência da filosofia como componente curricular no ensino fundamental representa um grave déficit na formação dos estudantes, especialmente quando analisamos os objetivos estabelecidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) e pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ambas as normativas têm como um de seus principais pilares a formação de indivíduos críticos, capazes de atuar de forma consciente e responsável na sociedade, exercendo plenamente a cidadania. No entanto, a exclusão da filosofia, uma disciplina essencial para o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo, dificulta a realização desse objetivo.

A LDBEN, em seu artigo 2º, destaca a educação como um meio de promover o desenvolvimento pleno do aluno, não apenas em termos de habilidades técnicas e acadêmicas, mas também em sua capacidade crítica, ética e participativa. Da mesma forma, a BNCC, ao traçar as competências e habilidades esperadas para os alunos ao longo de sua trajetória escolar, coloca como um objetivo primordial a formação de cidadãos capazes de analisar, refletir e propor soluções para os problemas da sociedade.

A filosofia, enquanto disciplina, tem a capacidade única de desenvolver essas competências. Ao incentivar os alunos a refletirem sobre questões fundamentais da existência humana, da moralidade, da justiça e do conhecimento, a filosofia não só expande a compreensão do mundo, mas também oferece ferramentas para que o estudante consiga questionar e interpretar as realidades em que está inserido. Assim, a ausência dessa matéria no currículo do ensino fundamental acaba por empobrecer o processo educacional, ao não proporcionar um espaço de reflexão crítica sobre temas fundamentais para o exercício pleno da cidadania.

Além disso, a filosofia fomenta habilidades que são essenciais para o desenvolvimento de um pensamento autônomo e democrático. O debate filosófico estimula o respeito à diversidade de ideias, a argumentação lógica e a capacidade de ouvir e considerar diferentes pontos de vista, elementos fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Portanto, a ausência da filosofia no ensino fundamental não é apenas uma lacuna no currículo, mas também uma falha na formação do aluno como cidadão crítico e reflexivo. A filosofia, como componente curricular, é indispensável para que se cumpram os objetivos da LDBEN e da BNCC, que visam formar indivíduos plenos, preparados para os desafios da vida em sociedade, com uma visão crítica e consciente do mundo que os cerca.

A inclusão da filosofia nos anos iniciais do ensino fundamental não é apenas uma inovação curricular, mas uma necessidade para formar cidadãos mais críticos, éticos e participativos. Ao proporcionar um ambiente de reflexão e diálogo, a filosofia se torna um instrumento fundamental para o cumprimento dos objetivos educacionais propostos pela LDBEN e pela BNCC, preparando as futuras gerações para os desafios do mundo contemporâneo.

O grande desafio para os docentes está em integrar a Filosofia de maneira prática e acessível, adaptando-a às realidades das salas de aula do Ensino Fundamental. A prática da Filosofia para Crianças exige uma metodologia que, ao mesmo tempo, respeite a curiosidade natural e a capacidade de reflexão das crianças, propondo questões que favoreçam o desenvolvimento do raciocínio lógico e ético. Nesse sentido, o docente precisa ser não apenas um transmissor de saberes, mas um facilitador de diálogos e discussões que permitam aos alunos explorar e construir seus próprios entendimentos sobre o mundo. Ao superar esses desafios, a Filosofia para Crianças se revela não apenas como uma disciplina acadêmica, mas como uma ferramenta poderosa para formar cidadãos críticos, éticos e preparados para enfrentar as complexidades da sociedade contemporânea.

É essencial refletir profundamente sobre a qualidade da educação e o tipo de formação que desejamos proporcionar aos futuros cidadãos, garantindo que isso não resulte em retrocessos. Nesse contexto, fica evidente que os ataques à Filosofia carecem de uma base sólida e configuram um retrocesso significativo no desenvolvimento educacional do Brasil. A discussão expõe claramente os diversos desafios que se apresentam para o futuro do ensino de Filosofia, as escolhas que estão sendo feitas para promover a “qualidade da educação” e as abordagens adotadas no processo de ensino-aprendizagem, especialmente nos anos iniciais do ensino fundamental. Esses aspectos revelam a necessidade de um repensar das diretrizes educacionais, assegurando que o ensino de Filosofia continue a ser uma ferramenta essencial no desenvolvimento do pensamento crítico e na formação de indivíduos capazes de refletir sobre a sociedade e o mundo de forma ampla e profunda.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Susanne Anjos et al. Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica. **Revista de saúde Pública**, v. 39, p. 606-611, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CARVALHO, Magda Costa. Fazer universidade como quem faz escola: virtualidades da filosofia para crianças ao leme de um mestrado. **O que nos faz pensar**, v. 28, n. 44, p. 21-37, 2019.
- CERLETTI, Alejandro, **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2009.
- COÊLHO, Ildeu Moreira; GUIMARÃES, Ged. Educação, escola e formação. **Revista Inter-Ação**, v. 37, n. 2, p. 323-340, 2012.
- DOCUMENTO CURRICULAR DO TERRITÓRIO MARANHENSE: **ensino médio. Maranhão, Secretaria de Estado da Educação**. – São Luís, 2022. MARANHÃO.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Tio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- HADOT, Pierre. **Que é a filosofia antiga** (O). Edições Loyola, 1999.
- KOHAN, Walter Omar. **Filosofia para Crianças – A tentativa Pioneira de Mathew** 2004
- LDB: **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.
- LIPMAN, Matthew. **A Filosofia vai à Escola**. Tradução de Maria Elice De Brzezinski e Lucia Maria Silva Kremer. São Paulo: Smmus, 1990.
- LIPMAN, Matthew. **O Pensar na Educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MARIMOTO, Clayson 1 (*) Salvi, Rosana Figueiredo2 (*) Universidade Estadual de Londrina– UEL (*) Brazil, 2009. **AS PERCEPÇÕES DO HOMEM SOBRE A NATUREZA**.
- ORTEGA, Francisco. **Genealogias da amizade**. Editora Iluminuras Ltda, 2021.

PEREIRA, A. J.P. **Da erótica passional ao amor oblato: a amizade segundo Aristóteles, Ética a Nicómaco.** *Synesis*, v. 8, n. 1, p. 15-34, 2016.

PLATÃO. “**Apologia de Sócrates.** Virtualbooks Virtual Books Online M&M Editores Ltda. 2000/2003.

PULINO, Lucia Helena Cavazin Zabotto. **A prática de filosofia na escola como oportunidade de redefinição mútua de crianças e adultos.** *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE)*, n. 1, 2003.

SCHELLIN CANEZ, M. FILOSOFIA COM CRIANÇAS: POSSIBILIDADES, DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS. **Razão e Fé**, [S. l.], v. 18, n. 2, 2020. Disponível em: <https://revistas.ucpel.edu.br/rrf/article/view/2861>. Acesso em: 14 dez. 2024.

TEIXEIRA, Cristiane Ricardo; ZIEDE, Mariangela Kraemer Lenz. **Filosofia para crianças.** *Professare*, p. 111-140, 2015.